

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**FUTEBOL E ECONOMIA NO RIO GRANDE DO NORTE
(1972 A 1982)
(ASCENSÃO E CRISE)**



MÚCIO LUIZ CORREIA

**NATAL/RN
2002 .A**

MÚCIO LUIZ CORREIA



**FUTEBOL E ECONOMIA NO RIO GRANDE DO NORTE
(1972 A 1982)
(ASCENSÃO E CRISE)**

Manografia apresentada a disciplina Pesquisa Histórica II, ministrada pela Prof^a. Denise Mattos Monteiro, do curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob orientação da Professora Francisca Aurinete Girão Barreto da Silva.

**NATAL/RN
2002**

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos a todos que de uma forma ou de outra contribuíram para o sucesso desse objetivo. Agradeço especialmente a Professora Francisca Aurinete Girão Barreto da Silva.

A Deus que me fez assim como sou a minha mãe esposa pelo amor, compreensão e auxílio dedicados a minha pessoa ao ex jogador de futebol Danilo Menezes pela atenção quando precisamos entrevista-lo, ao amigo José Cícero pela entrevista, ao amigo Lupercio Luiz pela atenção como também Hélio Câmara, ao amigo Jorge Tavares que contribuiu em muito para realização dessa pesquisa, a Aurinete Girão pela horas de dedicação na orientação desse trabalho, aos professores do curso de história que contribuíram ao longo do curso para minha formação, um agradecimento especial ao professor Zoroastro que também contribuiu em muito para realização desse trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
1 . POLÍTICA ECONÔMICA DESENVOLVIMENTISTA	7
1.1. Situação Econômica no Período de 1960-70	7
1.2. Resultado da Política Econômica Desenvolvimentista	4
1.3. A Ida do Brasil ao Fundo (FMI)	9
2 . POLÍTICA DESENVOLVIMENTISTA NO NORDESTE	14
2.1. Investimento na Economia do Nordeste	14
2.2. Produção Econômica no RN	17
2.3. Concentração Urbana	18
3 . O "MILAGRE BRASILEIRO" NO FUTEBOL POTIGUAR	21
3.1. A Construção do Castelão	21
3.2. Grandes Negócios no Futebol do Rio Grande do Norte	26
3.3. O Início de uma Crise	39
4 . CONCLUSÃO	44
5 . BIBLIOGRAFIA	47
6 . FONTES	46
7 . ANEXOS	49

INTRODUÇÃO

O futebol é um esporte bastante empolgante que envolve paixões de muitas pessoas, além disso é um esporte que tem muita importância no mundo inteiro, pois já que é um esporte, que é o mais popular do mundo, gerando com isso, dividendos na economia mundial. É o futebol que movimenta no mundo muitos negócios, devido um conjunto de atividades econômicas que o mesmo produz. O futebol portanto, faz parte os hábitos culturais de uma sociedade, por isso é tão usado como controle social principalmente numa sociedade como o caso da Brasileira com problemas de ordem política econômica e sociais, devido a isso muitos dos que o acompanham usam-no como válvula de escape fugindo de problemas do cotidiano brasileiro.

Então, por ser esse esporte que envolve a sociedade, o futebol é um tema que merece ser estudado nas ciências sociais, mais há poucos trabalhos de graduação sobre esse tema, no caso do curso de história, só há duas monografias sobre o referido tema.

O presente trabalho tem o objetivo de estudar o mencionado tema analisando o futebol do Rio Grande do Norte no período de 70 a 82, período que marca a ascensão e queda deste esporte neste Estado.

O estudo pretende analisar o futebol do Rio Grande do Norte num período marcado pela repressão política dos governos militares, mais recheados de emoções no futebol. Um período pelo qual houve uma ascensão do futebol no mesmo, com a construção do Castelão e participação no campeonato brasileiro, elite do futebol de ABC e América principais clubes do Rio Grande do Norte.

Nesse trabalho enfocaremos o contexto econômico da época, utilizando bibliografias que analisam a economia do Brasil e do Rio Grande do Norte, num período do qual a economia conduzida pelos governos militares, pautadas nos empréstimos externos, mostravam números significativos era o "milagre brasileiro".

Utilizaremos neste estudo o livro de Celso Furtado, o Brasil pós-Milagre que aborda o contexto econômico que provocou a crise econômica do Brasil, Furtado em seu estudo, comenta que a política desenvolvimentista foi realizada englobando um conjunto de interesses, que colocariam em prática a multinacionais no Brasil com uso das poupança externa do Brasil. Além dessa obra, usamos nessa análise, o livro de Argelino Cruz Brom, o Brasil no FMI no qual, fala dos empréstimos que os governos militares tomaram para desenvolver a política desenvolvimentista, montando uma ampla estrutura que envolviam gastos com (energia e transporte) principalmente. Outra obra de Argelino Brum que

usamos nesse trabalho, o desenvolvimento econômico brasileiro esta obra aborda as dificuldades enfrentadas pelo governo Figueiredo para conduzir a economia do país no início de 1979 como também utilizamos outras obras, como livro de Maria Livramento Clementino que trata de falar da urbanização de Natal e Mossoró principalmente, obra que diz que nesse período em estudo, apenas Natal e Mossoró houve urbanização, pois a política desenvolvimentista foi caracterizada pelo concentração de renda e neste sentido, houve uma concentração de população nessas áreas.

Quanto ao futebol recorremos algumas bibliografias pertinentes a esse tema, como essa seres, coisas, lugares do teatro ao futebol de Décio de Almeida Prado que aborda as característica de um bom jogador de futebol, além de duas que tratam da relação entre futebol e poder, uma delas é a lace de sorte, o futebol e o jogo do bicho na Belle Époque Carioca de Micael Herschmann e Kátia Lerner. Para enfocarmos o contexto político econômico no qual o Brasil estava inserido, no momento de euforia pela conquista do tri campeonato usamos como referência o livro Todos Juntos Vamos. Memória do tri de Alex Medeiros o livro que serviu como base teórica para compreender a ascensão e queda do futebol do Rio Grande do Norte foi o livro Danilo Menezes. O Último Maestro de Rubens Lemos Filho. Além dessa bibliografia relacionadas com o tema, realizamos algumas entrevistas que serviu como fontes primárias. As mesmas foram feitas com pessoas que militam diretamente com futebol do Rio Grande do Norte, como, os cronistas esportivos Hélio Câmara e Lupécio Luiz que comentaram os fatores que ocasionou a crise no futebol do Rio Grande do Norte. Realizamos ainda uma entrevista com um vendedor de bebidas e churrasco, que vende tais produtos ao redor do Machadão, que comentou como era a movimentação de torcedores em dias de grandes jogos, como também analisamos a situação social da qual o Brasil foi se inserindo. Efetuamos também entrevistas com o historiador e pesquisador Jorge Tavares, como também o ex jogador Danilo Menezes que expôs um conjunto de erros cometidos pelos dirigentes que contribuíram para a crise do futebol do Rio Grande do Norte.

O estudo foi dividido em três partes. No primeiro abordamos a política desenvolvimentista no Brasil destacando o reflexo do modelo econômico "milagre brasileiro" na economia brasileira da década de 70, como também destacamos o resultado dessa política para o Brasil no início da década de 80. A parte seguinte analisamos a política desenvolvimentista no Nordeste, caracterizada como dependente do eixo Sul Sudeste do Brasil, ou como mero complemento dessa economia, como também estudamos

a economia do Rio Grande do Norte, no período descrevendo no estudo uma economia em evolução, principalmente com relação a produção de minério e o crescimento de indústrias têxteis, como também verificamos uma urbanização que se concretizava através da concentração de renda, neste sentido só Natal e Mossoró se urbanizaram dentro desse modelo. Na terceira parte enfocamos a ascensão do futebol do Rio Grande do Norte, com a construção do Castelão e a conseqüente participação no campeonato brasileiro dos grandes clubes de Natal, ABC e América, que culminou com a presença de grandes clubes do país que desfilaram no Castelão, além da contratação de excelentes craques de futebol como também mostramos a queda do futebol do Rio Grande do Norte, principalmente do ABC, em função de um conjunto de erros dos dirigentes aliados a crise econômica resultado do "milagre brasileiro".

O estudo pretende fazer uma relação entre o futebol e a economia buscando identificar as causas da ascensão e queda do futebol do Rio Grande do Norte.

1. POLÍTICA ECONÔMICA DESENVOLVIMENTISTA

1.1. Situação Econômica no Período de 1960-1970

Durante as duas últimas décadas, que antecederam a década de 1980, o governo brasileiro optou por um modelo econômico elitista, concentrador de riqueza de renda.

Nesse período, o governo brasileiro, para colocar esse modelo econômico em prática, implantou no Brasil um relativo parque industrial, segundo Brumm, com os principais ramos econômicos sob o controle de empresas multinacionais.

O modelo econômico pautado na industrialização exigiu do governo gastos com infra-estrutura¹, (energia e transporte). Bens de capital (máquinas, equipamentos, aparelhos), petróleo, tecnologia e outros produtos muito acima do que as reais possibilidades do país permitiam.

A política econômica do período correspondente a 1964 e 1967 conjugou um conjunto de interesses que envolveu governo e empresas multinacionais, como frisa Furtado²

*"As modificações institucionais introduzidas entre 1964 - 1967 abriram novas possibilidades de ação mas também receberam a intenção dos grupos que ascenderam ao poder mediante o Golpe Militar de abandonar a orientação do desenvolvimento às forças do mercado. Caberia aos interesses dos que aí se confrontam definir essa orientação. As empresas transnacionais seriam as principais beneficiárias dessa política".*³

A execução dessa política econômica que beneficiou principalmente as empresas multinacionais se fez, de acordo com Furtado³. A renda nacional crescer de forma exorbitante, mas isso foi feito com parte significativa da poupança que financiou o consumo de grupos de rendas médias e altas. Em contrapartida, o salário básico real era reduzido, o que permitia comprimir custos, liberar recursos e ampliar os mercados que a concentração de renda já elevado.

Segundo FURTADO⁴, o estímulo à captação de poupança no exterior, pelos intermediários financeiros e também pelas próprias empresas que absorviam essa poupança, ampliou a capacidade de importação, ao mesmo tempo em que reforçava o fluxo de financiamento da inversão e do consumo.

¹ BRUMM, Argemiro Jacob. O Brasil no FMI, p. 39

² FURTADO, Celso. O Brasil pós-milagre, p. 39

³ Ibid, p. 39-40

⁴ Ibid, p. 40

O sistema implantado de captação de poupança no exterior modificações estruturais requeridas, mas reforça o novo perfil de demanda em que os bens duráveis de consumo ocupavam posição privilegiada.⁵

Esse sistema foi imposto, conforme FURTADO⁶, pela estrutura oligopolista das empresas transnacionais. O efeito é que entre 1967 e 1973, a taxa média de crescimento anual do setor foi de 23,8%, duplicando o considerável ritmo de expansão na produção manufatureira.

Esse crescimento na produção manufatureira convencionou-se ser chamado de "milagre" econômico; segundo Furtado⁷ ele ocorreu sem que se operassem modificações significativas na estrutura no sistema.

De acordo com Furtado:

"Entre 1966 e 1972, a participação nas importações na oferta interna de bens na indústria mecânica aumentou de 28,8% para 40,2%, na de material elétrico de 11,1% para 24,9%, e a de produto metalúrgicos de 16,9% para 18,7%. O coeficiente de importação do setor de bens de capital praticamente dobrou durante esse período. Tudo se passou como se o inusitado crescimento do produto interno, então registado tivesse sido destinado em sua totalidade a ampliar mercado de bens duráveis de consumo e a equipar o sistema industrial para satisfazer essa demanda, graças ao entendimento externo, isso pôde ser feito sem que o sistema aumentasse seu potencial de auto transformação".⁸

Os preços do petróleo no mercado mundial foram elevados em outubro de 1973 e em junho de 1974. Essa crise foi motivada pelo acordo entre os governos dos países exportadores de petróleo e os grandes bancos internacionais, que emprestariam dinheiro aos países importadores de um lado garantindo o fluxo de comércio do combustível, do outro, levando os países subdesenvolvidos ao endividamento e conseqüente agravamento da crise. Essa crise trouxe problemas ao Brasil fazendo aumentar sua dívida externa⁽⁹⁾

⁵ Ibid, p. 40

⁶ MALAN e BONELLI apud, FURTADO, Celso. Anuário Estatístico do Brasil, p. 40

⁷ FURTADO, Celso, Op. cit, p. 41

⁸ Ibid., p. 41-42

pagina
9

1.2. Resultado da Política Econômica Desenvolvimentista

O Brasil continuou mais do que suas reais possibilidades de endividamento. Em função disto endividou-se muito¹⁰

Esse endividamento deu-se pelas ações políticas que o governo do período realizou. Esse período foi marcado pelas obras faraônicas, colocadas em prática pelo governo, que as realizou sob a alegação da conhecida teoria do bolo: "Primeiro fazer o bolo crescer e só depois pensar em reparti-lo"¹¹

Assim, embalado pelo sonho do Brasil potência mundial emergentes projetos de impacto interno.

O período compreendido entre essa política econômica faz o Brasil recorrer a recursos externos. Isso já viam ocorrendo desde o período de 1969 a 73, e nesse período segundo Davidoff¹², que há o primeiro grande impulso da dívida externa brasileira, nos anos 60 a dívida externa não se alterou, mas foi no final dos anos sessenta que a dívida bruta iniciou uma trajetória de crescimento acelerado, passando de 3,8 bilhões de dólares em fins de 1968 para 12,6 bilhões de dólares em fins de 1973.

Nessa época, predominou um discurso com a idéia de que para gerar desenvolvimento do Brasil, o endividamento era necessário.

Com a crescente participação do capital estrangeiro na economia do Brasil, diferentes ramos da indústria em transformação contribuíram para elevar o coeficiente de importações porque havia uma alta propensão a importar e ausência de restrições efetivas à importação.¹³

Mas isso foi acompanhado pelo aumento nas exportações brasileiras, em função de dados positivos no comércio internacional e de medidas internas de incentivo.¹⁴

Segundo Davidoff¹⁵, o endividamento da economia brasileira no exterior ocorreu em função de acompanhar o momento geral, que envolveu economias em desenvolvimento num momento em que o euro mercado buscava novos clientes fora dos E.U.A. e Europa.

Davidoff discorda portanto da análise já tratada aqui por Furtado, que frisou que a dívida externa se deu com a contribuição de poupanças externas.

⁹ Ibid. p. 41-42

¹⁰ BRUMM, Argemiro Jacob. *Op. cit.*, p.40

¹¹ Ibid. p. 41

¹² DAVIDOFF Cruz, Paulo. *Dívida externa e política econômica*, p.13-15

¹³ Ibid. p. 15 - 16

¹⁴ DAVIDOFF Cruz, Paulo, apud DAELLINGER, C.V. *A política brasileira de comércio exterior e seus efeitos: 1967-73*.

¹⁵ Ibid. p.17

Mas o resultados dessa política foi sentida em 1973 e 1974, no período havia a falsa euforia da possibilidade de endividamento externo, isso foi criado pelo aumento da taxa índice geral de preços, que dobrou no período. Isso fez com que as portas fossem abertas às importações aumentando para 33,5% em 1974, enquanto que as exportações declinaram para 1,9%.¹⁶

A tendência para exportar é explicada por Furtado:

*"É o fato de que a orientação dada ao desenvolvimento da economia brasileira no período do milagre acarretou aumento sensível dos custos em divisas da produção, não somente industrial, mas também agrícola e dos serviços"*¹⁷

Nos anos de 1973 e 1979, o governo brasileiro colocou em prática a política de industrialização a qualquer custo sobre acelerando o cruzeiro, objetivando reduzir os compromissos assumidos no exterior, isso se deu em função das empresas públicas e privadas buscavam recursos no exterior para cumprir as metas de um plano de desenvolvimento ambiciosos; o estado, assim, assumiu a responsabilidade fiscal. Essa política provocou o desestímulo às exportações, numa fase essencial para que elas diminuíssem.

A saída do governo foi apelar para subsídios para exportação da produção agrícola destinada ao mercado externo. Com o crescimento dos subsídios, o resultado foi o déficit financeiro que chegou a absorver 5% do produto interno e a autonomia de ação no plano fiscal também foi se reduzindo.¹⁸

O resultado da política econômica desenvolvimentista concentradora de riqueza e baseada no endividamento externo e suas conseqüências para a economia "como uma enorme dependência em relação ao petróleo importado."¹⁹

Ao assumir o governo em 1979. O governo Figueredo tinha como projeto concluir a implantação do Projeto Brasil - Potência Mundial. Entretanto, integrando o Brasil no primeiro mundo e implantar o regime democrático no país. O governo e o presidente não estavam preparados para a missão.²⁰

¹⁶ FURTADO, Celso. Op. cit. p. 44

¹⁷ Ibid, p. 49-50

¹⁸ Ibid, p. 50

¹⁹ RESENDE, André Lara et al. Dívida externa, recessão e ajuste, p. 181

²⁰ BRUMM, Agclino Jacob. Por que o Brasil foi ao fundo, p. 224-



No aspecto político, o governo realizava um processo de democracia controlada; isso fez a sociedade ficar insatisfeita com tipo de democracia. Segundo Brumm²¹, o processo de estruturação dos partidos políticos e das múltiplas organizações sociais avançaram com dificuldade.

O clima de relativa insegurança, confusão e indefinição, em grande parte decorre da longa hibernação política da sociedade civil e do processo de despoliticização a que foi o povo brasileiro.²²

Já no aspecto econômico, a situação era bastante complexa, o governo objetivava "pôr ordem na casa". Para isso toma medidas duras, ou seja de aperto, medidas como o "pacote antinflacionário" e o "pacote agrícola", visando continuar a situação do momento. Essa política irritou empresários, cansando a retratação de investimentos produtivos.²³

As medidas não impediram a inflação disparasse, já que a safra de 1979 foi um fracasso, em função das condições climáticas desfavoráveis. Diante desse quadro de dificuldades, o Ministro-Chefe da Secretaria de Planejamento da Presidência da República, Mário Henrique Simonsen, pediu demissão em agosto de 1979. Assumiu o comando da política econômica o seu rival, Delfim Neto, que assumiu com mais poderes concentrados, desta forma infundiu confiança e otimismo, sua estratégia foi conciliar a política de combate à inflação com a manutenção da política de crescimento acelerado dos tempos do "milagre"; mas as condições da economia mundial e brasileira haviam mudado e o governo fracassou.²⁴

As políticas anteriores de crescimento econômico que o governo Figueredo, como já falamos tentou manter, como resultado o país, no começo dos anos 80, uma situação na qual o governo "gastava mais de 75% do valor nas exportações do país em 1980 o pagamento do serviço da dívida. Isso ocorria com o pagamento de juros e amortizações da dívida e as importações de petróleo.²⁵

Dessa forma, para solucionar tal situação, exigiu-se superávits comerciais enormes combinados com a obtenção de empréstimos e financiamentos consequentemente aumentando a dívida externa.²⁶

²¹ Ibid., p.224

²² Ibid. p. 224

²³ Ibid. p. 224-225

²⁴ Ibid. p. 225

²⁵ RESENDE, André Lara. et al. Op. cit. p.182

²⁶ SANDRONI, Paulo. Balanços de pagamento e dívida externa. p. 82

Em 1980, a inflação chegou a 100% ao ano, isso ocorreu devido ao aumento dos derivados de petróleo nos 2º e 3º trimestre de 1977, provocando o aumento dos demais preços. Diante dessa escalada de preços, os trabalhadores lutaram e conseguiram aumento em seus salários, sendo reajustados semestralmente. Os empresários aumentaram os preços dos produtos, ao verem seus custos subirem. Isso fez acelerar a inflação.²⁷

²⁷ RESENDE, André Lara et al. Op cit, p. 184

1.3. A Ida do Brasil ao FMI

A política econômica das décadas de 1960 e 70, ligada aos interesses internacionais, levou o Brasil a caminhar para o FMI, o país endividou-se e as conseqüências refletiram na sociedade, com a dívida em crescimento, o governo queimou as reservas cambiais, como também passou a fazer empréstimos a curto prazo.²⁸

Mas não era só o Brasil que estava endividado, outros países da América eram a inadimplência, preocupando os banqueiros internacionais, pois isso podia ocasionar um colapso em todo sistema financeiro internacional e a falência dos grandes bancos.²⁹

No período 1979-80, a economia brasileira sofreu os reflexos de toda essa política realizada durante o "milagre econômico". O período apresentou déficit na balança comercial de 5,7 bilhões de dólares. Isso ocorreu devido ao choque do petróleo e a recessão, redução dos níveis de crescimento, além da aceleração das taxas inflacionárias em economias capitalistas avançadas.³⁰

Quando a economia do Brasil aprofundou-se na crise, transformou-se em uma economia vulnerável à conjuntura da recessão internacional, a inflação e no comércio, no que diz respeito a absorção de nossas exportações como através de intercâmbio com países centrais, que colocaram em prática políticas monetárias ortodoxas que elevaram as taxas de juros internacionais e provocando impactos na conta financeira das economias endividadas.³¹

²⁸ BRUMM, Argemiro. Op, cit. p. 42

²⁹ Ibid, p.42

³⁰ DAVIDOFF, Cruz, Paulo. Op, cit, p.22-24

³¹ Ibid, p. 25

2. POLÍTICA DESENVOLVIMENTISTA NO NORDESTE

2.1. Investimentos na Economia do Nordeste

Neste período, os investimentos públicos e privados no nordeste, teve um percentual de expansão de 13% do setor público. o gasto do estado diz respeito à construção civil e na indústria de material de construção. É o estado que comandou o processo de ocupação e uso do solo urbano, promovendo o crescimento desordenado das cidades, a especulação imobiliária desenfreada e, conseqüentemente, a perifirização dos assentamentos humanos.³²

Há também uma desconcentração na indústria de bens intermediários, mas em contrapartida há um estímulo à produção de insumos básicos nas áreas periféricas. No caso do nordeste, isso dá, principalmente, com os minérios, o petróleo e a petroquímica. Os efeitos dessa expansão econômica se caracterizou pelo aumento nos níveis de emprego e a massa global de salinas, repercutindo no comércio, nas atividades industriais de bens de consumo acelerado.

Na sobre vida do "milagre econômico", o nordeste foi contemplado pela política do II PND (Plano Nacional de Desenvolvimento): com o avanço da produção de bens intermediários e através da expansão dos investimentos públicos. Isso fez com que, diferentemente do resto do país, a região pudesse contar com a mobilização de parceria significativa de recursos para investir. Houve evolução em diversos ramos industriais e outras atividades econômicas, principalmente urbanas.

Então, neste período, 1960-80, aconteceu a criação de uma nova indústria e modernização de ramos industriais e de outras atividades econômicas; atividades urbanas, como bancos, prestação de serviços e o próprio setor público (arrecadação, água, luz, esgoto, energia elétrica, telecomunicações) e mesmo parte do setor agropecuário.³³

Isso tudo não repercutiu positivamente, estudando o período, Livramento frisa que há repercussões negativas sobre o nível de emprego, sobre os processos de trabalho e, também, sobre as relações do nordeste com as demais regiões brasileiras. A modernização que se criou na indústria do nordeste, segundo Livramento, não desempenhou a função atribuída pelo GTPN e pelos planejadores do final dos anos 50, a da absorção do desemprego e subemprego que se acumularam no meio urbano.³⁴

³² CLEMENTINO, Maria Livramento Miranda do. *Economia e Urbanização: O Rio Grande do Norte nos anos 70*, p.251.

³³ *Ibid*, p. 252

³⁴ *Ibid*, p. 252

No nordeste, o processo de industrialização significou:

"Uma contradição do que foram os postulados pautados em políticas de ação para a solução do problema regional"³⁵.

Ao contrário, a política econômica governamental, realizada pela SUDENE, na prática, "significou uma política industrial de atração de investimentos, através de incentivos fiscais e financeiros a grandes grupos empresariais, que dada a conjuntura econômica (crise dos anos 1966-67) viram nos incentivos oferecidos pelo, e para o nordeste, condições de modernização e remuneração do capital³⁶. Essa política se materializou, com o aproveitamento de capital barato pela indústria nacional, no momento em que houve a coincidência da crise com o funcionamento do sistema de incentivos fiscais no nordeste; com isso, as empresas privadas do centro-sul, que mais tinham condições de converter em capital novo com os incentivos, passou a outras regiões, inclusive o nordeste³⁷.

Furtado diz que o processo de urbanização do nordeste é explicado em função da integração econômica da região com o centro-sul do país, que a alcançou um grau de acumulação bem mais alto e prevaleceu um estilo de desenvolvimento baseado na concentração de renda e o exagerado consumo de bens duráveis³⁸.

Esse processo de desenvolvimento baseado na indústria foi um prolongamento do desenvolvimento industrial no centro-sul, é secundariamente uma resposta aos requerimentos da população local³⁹.

Essa industrialização se deu dentro dessa lógica devido ter arrancado do conjunto, pois que é comandado pelo centro-sul, o nordeste é assim um simples apêndice de um mercado dominado por clientela de nível de renda mais alto e onde se exacerbam as tendências consumistas⁴⁰.

A concentração de renda, a qual deu origem a dependência no setor agropecuário, não faz parte do processo de integração nacional. E sua concentração é caracterizada pela necessidade da mobilização de recursos para o setor agrícola, produtor de alimentos de consumo geral. A capitalização do campo, se traduz na modernização da infra-estrutura e

³⁵ Ibid, p. 252

³⁶ Ibid, p. 252

³⁷ Ibid, p. 253

³⁸ FURTADO, Celso. Op. cit. p. 129

³⁹ Ibid, p. 129

⁴⁰ Ibid, p. 129

de investimentos orientados para a satisfação dos setores mais dinâmicos da demanda, repercutindo negativamente no emprego real⁴¹.

Em função disso, a população se deslocou para as zonas urbanas objetivando melhores perspectivas de vida, pois esse modo de desenvolvimento do setor agrícola não favoreceu a criação de emprego no campo.

⁴¹ Ibid, p.124

2.2. Produção Econômica no RN.

Dentro dessa realidade, no RN foi implantado o Programa Rural Norte, com estímulo à produção no estado, incentivado pelo Governo Federal, que visava introduzir modernas técnicas no cultivo do algodão Arbóreo C fibra longa, além de instalar e dar assistência às unidades de pesquisas agrícola para identificação de áreas potenciais ao desenvolvimento da cultura⁴².

Além do algodão, outros produtos, como a cana-de-açúcar, nos anos 70, destacavam-se este compreendeu 87% da produção estadual⁴³.

No caso da mandioca, segundo Santos, houve alguns projetos relativos a produção do álcool de mandioca, mas não foram implantados no RN por falta de incentivos e de condições⁴⁴.

O sisal tinha grande importância econômica o Rio Grande do Norte era o terceiro produtor de sisal do país e sua produção se destinou quase exclusivamente ao mercado externo⁴⁵.

Além desses produtos, se destacaram em Apodi e Açu a cultura da cera de carnaúba, que eram destinada à exportação para o mercado mundial, palavras Pereira dos Santos⁴⁶.

Em 1973, a mamona também se destaca na economia Potiguar, segundo Pereira, neste ano,

*"Havia uma produção de mamona de 1.343 toneladas. Embora ainda com uma produção bastante modesta, esta lavoura apresentava grandes potencialidades de ser uma cultura de representatividade na economia agrícola do Estado do Rio Grande do Norte. essa perspectiva decorria do fato de que, a partir de 1978, a Salava S/A, fábrica de óleo em fase de plantação, consumiram 21.000 toneladas/ano do produto. O óleo de mamona era exportado para alguns países"*⁴⁷

Quanto a couro e peles, no mercado na década de 70, frisa Pereira que a produção desses produtos apresentava grandes possibilidades de evolução, a médio prazo, em face

⁴² SANTOS, Paulo Pereira dos. Evolução econômica do Rio Grande do Norte, p. 181

⁴³ Ibid, p. 181

⁴⁴ Ibid, p. 182

⁴⁵ Ibid, p. 183

⁴⁶ Ibid, p. 183

⁴⁷ Ibid, p. 184

do previsto aumento da fabricação de calçados no nordeste, de 6 para 25 milhões de pares/ano⁴⁸.

2.3. Concentração Urbana

Embora esses produtos ajudem a dinamizar a economia potiguar, o processo de desenvolvimento que ocorreu com a indústria que fez surgir a urbanização mas não foi em todo o estado, segundo Livramento⁴⁹, em 1980, somente Natal e Mossoró apresentaram concentração urbana, fenômeno este agravado pela ausência, até então, de uma rede urbana intermediária no estado.

No interior, houve uma modificação na rede urbana, segundo Livramento⁵⁰, isso se deu provavelmente por mudanças ocorridas no campo.

Municípios como Macau, Currais Novos e Açu não chegaram a:

*"Concentrar em 1970, 20.000 pessoas em sua sede urbana"*⁵¹,

Sobre isso ainda diz Livramento:

*"Em 1980 Currais Novos e Açu ultrapassaram 20.000 habitantes na sede municipal e a cidade de Macau apresenta um decréscimo populacional, presumivelmente resultante de movimento migratório provocado pela mecanização das salinas"*⁵².

Devido ao desenvolvimento da economia do RN, ocorreram transformações no sistema produtivo:

*"Os sinais de transformações na estrutura produtiva fazem-se presentes em todos os setores. Mesmo assim, embora apareçam significativos os indicadores mais gerais, merecem uma qualificação que identifique o alcance e os limites de mudanças, que se importantes a nível local, são provavelmente inexpressivos no âmbito regional e nacional"*⁵³.

As transformações que ocorreram na economia do Rio Grande do Norte não fizeram como diz Livramento, a economia do RN muda seu caráter agro exportador. Enquanto outros estados tiveram grandes incentivos nos primeiros anos da SUDENE, no Rio Grande do Norte esses chegaram tardiamente:

⁴⁸ Ibid. p. 185

⁴⁹ CLEMENTINO, Maria Livramento Miranda do. Op. cit. p. 256

⁵⁰ Ibid. p. 256

⁵¹ Ibid. p. 257

⁵² Ibid. p. 257

⁵³ Ibid. p. 258

"Só no final dos anos 60 é que os efeitos dos processos de industrialização chegou ao Rio Grande do Norte"⁵⁴.

Nos anos 70, alguns produtos minerais se destacavam na economia do Rio Grande do Norte. A chelita participava com 95% dessa na produção mundial. A produção era feita em Caicó, Curais Novos, Jucurutu, Santa Luzia e São Tomé. O mármore era o melhor do Brasil podendo ser comparado ao italiano, em Açú existia a maior serraria de mármore do norte-nordeste, a Sinwal S/A Indústria de Mármore e Granitos. Em 1975, havia reservas de calcário em cerca de 106 milhões de toneladas. Na época, era empregada na agricultura para a correção de acidez dos solos e na fabricação de cimento pela Itapetinga Agroindústria S/A. Em 1977, o estado do Rio Grande do Norte era maior produtor de diotonito do Brasil⁵⁵.

Os municípios de Carnaúba dos Dantas e Equador apresentavam ocorrência de caolim de melhor qualidade. Suas reservas calculadas até 1975 indicavam 1.009.830 toneladas medidas e 720.000 toneladas indicadas, o que representava boas perspectivas econômicas para o estado⁵⁶.

Com relação as transformações ocorridas na indústria do RN, a indústria extrativa mineral, têxtil, produtos alimentares, química e de vestuário e calçados diminuíram sua participação percentual em 1975 caindo para 71%; em 69 esse percentual havia sido 81%⁵⁷. Isso ocorreu em função da participação inexpressiva da indústria química, palavras de Livramento⁵⁸. Houve sim, de acordo com Livramento, o aumento da participação do grupo composto pelos gêneros de bens de consumo não duráveis.

Dentro desse quadro de transformações, a categoria de uso de bens intermediários, indústria de tijolos e telhas cerâmicas, no caso do Rio Grande do Norte apresentaram na década de 70, numa participação significativa⁵⁹.

A expansão industrial no Rio Grande do Norte, segundo Livramento⁶⁰ ocorreu, em parte, pelas suas vantagens geológicas. Isto é, as indústrias minerais aumentaram sua participação na produção nordestina.

⁵⁴ Ibid, p.259

⁵⁵ SANTOS, Paulo Pereira dos. Op. cit, p. 184-186.

⁵⁶ CLEMENTINO, Maria Livramento Miranda do. Op. .cit, p. 259

⁵⁷ Ibid, p. 260

⁵⁸ Ibid, p. 260

⁵⁹ Ibid, p. 261

⁶⁰ Ibid, p. 262

"VTI (Valor de Transformação Industrial) confirma o caráter de complementaridade da economia regional em relação à economia mundial"⁶¹.

Sobre isso, frisa Veras, o valor de transformação industrial encontrou-se bastante concentrado em apenas dois gêneros "tradicionais" (produtor alimentar e têxtil), em 1959, segundo ele, correspondente a 54% do valor da transformação, continuou a ser expressiva em 1972⁶².



⁶¹ Ibid, p. 266

⁶² SILVA, Alcir Veras da; Algodão indústria têxtil do Nordeste, p. 170

3. O "MILAGRE BRASILEIRO" NO FUTEBOL POTIGUAR

3.1. A Construção do Casletão

No início da década de 70, o Brasil vivia sobre tensão política, a liberdade era negada pela ditadura militar. Foi nesse período que muitas pessoas que ousavam criticar o regime foram presa e exilada do país.

Sobre isso, Agnelo Alves diz:

*"O país vivia quase uma conflagração entre o medo e a prepotência, o parlamento transformado em unidade homologatória numa aparência permissiva de "faz de conta" para uso externo e de total utilidade para uso interno, uma tentativa de "partido único" reunindo as forças mais heterogênea no pensamento político, mais homogênea no sentimento do medo, da complicidade, da sobrevivência nem que fosse, como de fato, apenas para respirar, comer e fingir, para não morrer."*⁶³

Mais o futebol, em 70, fascinava o povo do Brasil, é que em 70, o Brasil possuía um grande escrete.

*"Havia na seleção canarinho grandes jogadores, como: Pelé, Jairzinho, Rivelino, Tostão, Gerson e companhia."*⁶⁴

Uma seleção como essa fazia o povo de um modo geral ficar eufórico e esquecer o grave problema político do Brasil.

A Copa de 70 significava muito para o futebol do Brasil, pois segundo Agnelo Queiroz.⁶⁵

"Aquele não era uma copa qualquer ela poderia nos dar o tri campeonato e a conquista definitiva da taça Jules Rimel, motivo para encher o peito de dizer com todas as letras que éramos os melhores do mundo. Pelo menos no futebol".

Então pensando nisso, o sonho do tri campeonato, o povo viveu aquele momento esquecendo o grave problema que o país enfrentava de ordem política, como já falamos.

Isso ocorreu em função de haver por parte do brasileiro, nesse período, uma extrema satisfação com o futebol e com a economia pautada no chamado "milagre econômico"

Sobre o aspecto econômico, comenta George Vidor:

⁶³ ALVES, Agnelo, apud. MEDEIROS, Alex. Todos juntos, vamos: memória do tri, p.20

⁶⁴ Entrevista com Lupécio Luiz, 22/03/02

"Depois de um período de arrocho contra a inflação a economia voltara a crescer em ritmo (de 9 a 10% ao ano), com muitas novas áreas de negócios se abrindo. A bolsa de valores estava em pleno boom, e a classe média mostrava-se deslumbrada com a perspectiva de deixar de ser classe média." Matt de Roda Fil?

O Governo Médice usou esse tipo de coisa para tirar proveito político usando a euforia do povo pelo futebol, o fato que evidenciou isso foi quando uma simples música usada como sigle do cigarro continental virou hino nacional da ditadura, a maioria dos brasileiros embalados pelo "milagre econômico" e impedidos de interpretar a realidade em que viviam, em função da censura a imprensa cantavam o hino "Noventa Milhões em Ação"⁶⁶

O esporte é a forma pela qual as pessoas muitas vezes extravassa suas emoções, ou momentaneamente principalmente no caso do futebol esqueçam seus problemas cotidiano, por isso, em alguns casos, ele é usado como forma de alto controle social a respeito disso comenta: Micael Herschmam e Kátia Lerne:

"O esporte, mais especificamente o futebol, veio se incorporar a essa estratégia de controle e normalização social, na medida em que eram atribuídas à atividade esportiva característica que favoreceriam o aprimoramento da disciplinaridade e o alívio das tensões, ambos desejados pelo estado e pela elite"⁶⁷

Essa realidade proporcionava esse tipo de eufanismo que tomava conta do país. Esse tipo de coisa fez com que tal como a música do cigarro os "incríveis" estourassem com a música "Eu te amo, meu Brasil" sobre isso comenta Craco Medeiros:

"O remate ufanista ninguém segura a juventude do Brasil era o orgulho dos patriotas de plantão, aboletada, principalmente, nos quartéis, escolas e órgãos públicos".⁶⁸

A seleção de 70 era uma seleção que praticava o futebol arte. Seus jogadores "profissionais da bola", ainda não usavam propagandas em suas camisas, como também, não havia o rigor da preparação física com a tecnologia usada para fazer máquina de jogar futebol. A respeito disso, comenta Alex Nascimento:

⁶⁵ QUEIROZ, Agnelo, apud MEDEIROS, Alex. Op. cit, p.24

⁶⁶ CÂMARA, Casiano Arruda, apud MEDEIROS, Alex op. cit, p. 68

⁶⁷ HERCHMAM, Micael e LERNER, Kátia. O Futebol e o jogo do bicho na Belle époque carioca, p.39

⁶⁸ MEDEIROS, Graco. Apud ALEX, Medeiros. ALEX, Medeiros. Op. Cit p. 102

*"Em 70, ainda não havia as máquinas de ginásticas, as bombas hormonais, e os times de futebol jogavam com os seus próprios nomes na camisa, o técnico vestia-se de técnico, em vez de roupas de Bobarela, e ninguém ganhava duas ou três ferrari como prêmio por ter ataques histérico ou curetar o joelhos"*⁶⁹

O escrete de 70 vence a copa com vitória de 4 x 1 sobre a Itália. A seleção com Pelé, Jairzinho, Tostão, Rivelino, Carlos Alberto e companhia torna-se campeã da copa de 70. Dessa forma conquista em definitivo a taça Jules Rimel, um feito de ficava na história do futebol do Brasil, segundo João Batista Machado o regime militar faturava com êxito da seleção em gramados mexicanos isso para nos era o paliativo para os nossos males. No aspecto político as esquerdas não se uniam nem na cadeia, até nas quatro paredes divergiam. Uns torciam pelo Brasil outros não alegando que a vitória do Brasil severiam apenas aos militares mais na hora de um gol não resistiam e gritavam Brasil, Brasil, ou então, um grito forte É o Brasil!!!!!!!!!!!!.⁷⁰

Depois da conquista da seleção em 70 no país inteiro, houve uma febre de construção de estádios de futebol, segundo Lupécio, isso ocorreu para renovar a nossa superioridade perante o mundo e, na tentativa de abafar a violência e o sangue derramado⁷¹

A política desenvolvimentista do governo militar objetivava fazer a integração dos estados da federação uma das formas de realizar isso seria a criação de uma campeonato de clubes numa época, em que quem dirigia o futebol brasileiro era a CBD, órgão ligado ao governo militar. Foi assim que nesse período aconteceu a construção de vários estádios no Brasil, inclusive o estádio Presidente Castelo Branco, o Castelão.

Vejamos o que comenta Casiano Arruda sobre o período anterior a essa construção:

*"Naquele tempo o futebol de Natal estava no Juvenal Lamartine, muito pequeno para o talento de Alberir"*⁷²

Em 70 o Brasil possuía 90 milhões de habitantes aproximadamente era um país em desenvolvimento, pautado no "milagre econômico", Natal dentro dessa realidade econômica começava a se urbanizar. Sobre esse aspecto comenta Eraldo Palmeira:

"Éramos 90 milhões de um Brasil provinciano Natal passava pouco de uma deliciosa roça iluminada naqueles idos tranqüilo de 1970. Televisão era

⁶⁹ NASCIMENTO, Alex. Apud. MEDEIROS, Alex. MEDEIROS, Alex. Ibid. p.40

⁷⁰ MACHADO, João Batista. Apud. MEDEIROS Alex. MEDEIROS Alex. Ibid. p.194

⁷¹ Entrevistas com Lupécio Luiz, 22/03/02

⁷² ARRUDA, Casiano, apud. MEDEIROS, Alex. Op. cit .p.69

*coisa cara, só para os ricos. Restava o consolo de alguns poucos aparelhos nas prateleiras de A Sertaneja, Socic, Casa Porcino, Casa Régio, J. Resende e Lojas Ideal. Em preto e branco.*⁷³

Abimar Furtado comenta sobre esse contexto de Natal, segundo ele Natal começava a crescer passando pela corrente, o posto fiscal da avenida 15. Era uma época em que o torcedor quando desejava ver ABC x América ficava espremido no pequeno JL, Juvenal Lamartine, no bairro do Tirol. No bairro de Lagoa Nova, onde se construiria o Castelão era apenas um campo aberto, domado pelo verde da vegetação ao lado desse local crescia a Nova Descoberta, com relação ao centro da cidade começava a aparecer os primeiros espigões⁷⁴

Pelo que percebemos, Natal era uma província na época, mas já mostrava sinais de crescimento com uma paulatina urbanização. O (JL), era principal praça de esporte de Natal mas este já não se inseria na realidade do futebol que necessitava de um estádio de maior porte para realizar partidas de futebol dos principais clubes do Rio Grande do Norte, o futebol evoluía tal como a cidade.

Segundo Procópio Neto a necessidade da construção de um estádio à altura do progresso da capital já então com 350 mil habitantes, deveu-se aos reclamos de uma população que não podia ficar sem nem um conforto num modesto estádio onde mal cabiam 8 mil pessoa, construído em 1928 pelo governador Juvenal Lamartine.⁷⁵

De acordo com Procópio Neto:

*"Para que isso fosse possível foi criado a Fundação de Esporte de Natal (FENAT) onde o esporte é prioridade, isso ocorreu com a Lei Municipal 1.557 de 22 de agosto de 1966, a Fundação, criada tinha a finalidade de construir, administrar e manter praças desportivas. Além do esporte profissional a FENAT também cuidaria do esporte amador.*⁷⁶

Hélio Câmara, cronista esportivo que milita há anos no rádio potiguar, segundo ele a construção do Castelão deu um saldo gigantesco no aspecto de modernidade importante para o período, participação dos grandes clubes na elite do futebol. A construção do Castelão para Câmara representou muito pois significou a presença de grandes clubes de futebol.⁷⁷

⁷³ PALMEIRA, Eraldo. Apud. MEDEIROS, Alex. Ibid. p.108

⁷⁴ FURTADO, Abimar. Apud. MEDEIROS, Alex. Ibid p.31

⁷⁵ FILGUEIRA NETO, José Procópio. Os Esportes em Natal, P.151

⁷⁶ Ibid., p. 151

⁷⁷ Entrevista com Hélio Câmara, 20/03/02

Segundo Lupécio Luiz a conquista do tri campeonato de futebol, foi muito bem utilizado pela ditadura militar, como aliado importante de instrumento de divulgação do chamado "milagre" brasileiro. Dessa forma para agradar a classe política dominante (a mesma de sempre encastelada no poder), CBD - Confederação Brasileira de Desporto, também dirigida por militares, resolveu ampliar de forma absurda e grosseira o campeonato brasileiro (copa união, anteriormente), contemplando todos os estados da federação. Em função disso, o futebol potiguar pode participar da primeira divisão do futebol brasileiro. Foi por isso, que ABC x América os principais clubes do Rio Grande do Norte, renovaram as suas equipes fazendo contratações de jogadores mais experientes.⁷⁸

Ainda sobre a criação do campeonato nacional veja o que diz Procópio Neto:

*"Com a criação do campeonato de clubes, a CBD extinguiu em 1971 os torneios Roberto Gomes Pedrossa no sul e as taças Brasil, no Norte Nordeste"*⁷⁹

⁷⁸ Entrevista com Lupécio Luiz, 22/03/02

⁷⁹ FILGUEIRA NETO, José Procópio. Op. cit, .219

3.2. Grandes Negócios no Futebol no Rio Grande do Norte

Um bom jogador de futebol, principalmente de ataque, tem que reunir muitas características que possibilite excelente desempenho dentro do campo de jogo, sobre isso Almeida Prado, diz:

*"Não há artilheiro sem esta arte misteriosa de apanhar as sobras, de estar no lugar exato"*⁸⁰

Além disso um bom jogador provoca a falta do adversário, este possui de acordo com Décio Prado a percepção instantânea da jogada em sua totalidade, o conhecimento perfeito de onde estão os outros e do iram provavelmente fazer ponto.⁸¹

Ainda comenta Décio:

*"O passe tem que ser de primeira, este tem que ser inesperado e preciso, a finalização, o cabeceio e a capacidade de inventar jogadas como a bicicleta, ou seja, o malabarismo ter um chute forte e certo sem esquecer do drible."*⁸²

Jogadores com algumas dessas características passaram pelo futebol do Rio Grande do Norte, principalmente em Natal entre os anos 70 e 80. Jogadores como: Jangada, Escala, Washington, Mário Braga, Danilo Menezes, Rildo, Élcio, Odilon e tantos outros que se juntaram ao Alberi e Marinho Chagas, que defendiam a dupla natalense, isso acabou despertando o interesse maior do público natalense.

Natal na época era uma cidade, onde não havia grandes edifícios; era uma cidade com hábitos de uma cidade do interior. Vejamos o que diz Lemos sobre essa época:

*"Natal era uma aldeia horizontal onde no início da noite as pessoas vestiam pijamas, colocavam cadeiras na calçada até a hora do sono"*⁸³

Dentro desse quadro, no dia 4 de julho de 1972, Agnelo Alves pagava ingresso, juntamente com 54 mil torcedores, que assistiram o jogo ABC x América naquele que seria o novo e definitivo templo do esporte. O Estádio ganhou o apelido de uns dos ditadores do golpe de 1964, Castelão.⁸⁴

Depois de sua inauguração por falta de opção de lazer em Natal, o Castelão passou a ser uma opção de lazer do povo, amante do futebol mas também carente de outro tipo de lazer, numa cidade com característica de província a respeito disso comenta Lemos:

⁸⁰ ALMEIDA, Décio de. *Seres, coisas lugares do teatro ao futebol*, p. 190

⁸¹ *Ibid*, p. 190

⁸² *Ibid*, p. 191

⁸³ LEMOS FILHO, Rubens. *Danilo Menezes: último maestro*. p.86

⁸⁴ *Ibid*, p 86

"O Castelão virava point. Opções de lazer, cabiam num folheito: praias da orla marítima - Ponta Negra, a 10 km do centro, era uma aventura naquele tempo, Boate Hippye Drive -In, Boate do Hotel Reis Magro - o único em boas condições, salões do América Futebol Clube, onde brotinhos de todas as torcidas se juntavam, Restaurante Toca do Chicão e Churrascaria Dom Pedrito, dividindo a freguesia"⁸⁵

O Castelão era segundo Lemos o local visitado por jovens com calça boca de sino, sapato cavalo de aço, esses eram analfabeto em futebol, mais bons de conversa e número.

O primeiro gol marcado no Castelão foi do ABC Futebol Clube, pelo baixinho Willian em junho, no dia 23 no mês seguinte o ABC derrotava o América conquistando o segundo turno e tri campeonato estadual a renda e o público foram imprecionantes comparadas com as de atualmente no Machadão, a renda somou Cr\$ 40.931,00 (quarenta mil, novecentos e trinta e um cruzeiros) e público estimado em 30 mil pessoas, resentemente América e Corinthians de Caicó, público anunciado foi de aproximadamente 3 mil pagantes numa cidade, como Natal que a população já atingiu o número aproximado de 700 mil habitantes.

O Estádio Presidente Castelo Branco, em 1972 serviu de palco para o primeiro campeonato brasileiro, com a participação de um clube potiguar, esse clube foi o ABC que havia sido tri campeão potiguar o clube já tinha sido convidado para participar do primeiro campeonato nacional, realizado em 1971, mas como o JL, não apresentava condição para o certame a vaga ficou para o segundo ano do referido campeonato anos da inauguração do Estádio Presidente Castelo Branco, Castelão isso representava a entrada do futebol do Rio Grande do Norte na elite do futebol.

Mas para participar dessa festa do futebol era necessário que o ABC montasse um grande elenco de jogadores, pois segundo os dirigentes o elenco do ABC era razoável para os padrões da terrinha, mais seria presa fácil para os grandes times de futebol mais bem preparados, estruturados e cheios de craques que desfilariam no Castelão.

Houve muito duelo, entre a imprensa que dividiu opiniões sobre que tipo de elenco o ABC formaria para o brasileirão de 72. Havia uma corrente na imprensa que defendia a idéia de forma-se um elenco com os jogadores prata da casa mantendo a base do tri campeonato e outra que defendia a idéia de se formar um time com a base que o ABC já tinha, mas contratando jogadores mais tarimbados de centros mais avançados. A segunda

⁸⁵ Ibid, p.87

opinião foi a que prevaleceu os dirigentes da época; Abelirio Rocha, Aluizio Bezerra, José Prudêncio e Severo Câmara: optarão por contratar reforços de centros mais avançados do futebol do Brasil isso começou inicialmente, com a contratação de um treinador que substituiu o técnico Wallace Costa.

Lemos comenta sobre a substituição de Wallace:

*"Para substituí-lo, nada de nomes daqui o novo treinador precisava de matreirice e cacha nacional, para impor respeito logo a partir do túnel. O novo contratado foi Célio de Souza que ganhava na época Cr\$ 5 mil cruzeiros por mês, uma fortuna, além das luvas de Cr\$ 20 mil cruzeiros."*⁸⁶

O novo treinador, quando chegou entregou uma relação de jogadores carioca: Tião (goleiro), Fidelis (lateral direito), Aguinaldo e Mário Tito (zagueiros), Maranhão, Ivo Sodré e Pastoril Meias, Salvador, Jorge Demolidor e Artur Cavalcante.

O futebol do Rio Grande do Norte era feito por dirigentes abnegados, que retiravam dinheiro do bolso se possível, para fazer bons elencos de futebol pois o ABC era um clube, sem patrocínio de uma empresa que lhe bancasse em troca de propaganda, então era os dirigentes com essa mentalidade amadorista que articulava forma de conseguir dinheiro para contratações. Lemos comenta esse fato:

*"Os dirigentes alvinegros, coçavam os bolsos, procuravam o comércio, faziam promoções para juntar dinheiro indispensável para sensibilizar as futuras atrações"*⁸⁷

Danilo Menezes ex jogador do ABC, que jogou na década de 70 afirma que a diferença em termo de salário dos jogadores desta época com as de hoje é que naquela época não havia patrocínio de empresa só os clubes pagavam os salários dos jogadores.⁸⁸

A diretoria do ABC montou um grande elenco de futebol com alguns jogadores da relação dada por Célio de Souza, como Tião, Sabará e Everaldo, além dessa contratações, depois de longa conversações com o Vasco da Gama, o presidente na época Thymo Gomes da Silva aceitou mandar Danilo emprestado com a condição do passe ser comprado depois. Sobre isso comenta Lemos:

*"A missão salvadora no aeroporto Augusto Severo. O mais famoso seria o alvo da imprensa: Danilo Menezes ex titular da seleção uruguaia, do Vasco da Gama agora usaria a camisa do ABC"*⁸⁹

⁸⁶ Ibid, p.89

⁸⁷ Ibid, p. 90

⁸⁸ Entrevista com Danilo Menezes. 07/08/02

⁸⁹ LEMOS FILHO, Rubens. Op. cit. p.92

O ABC no primeiro campeonato brasileiro disputado pelo um clube potiguar estreou em 10/09/72 com CRB empatou o jogo em 0 x 0 . O público e renda do jogo foi muito bom, a renda somou Cr\$ 57.078 com o público pagante 15.004 para época era um grande público, num recém inaugurado estádio de uma cidade que estava começando a se urbanizar.

Depois desse empate, o ABC seguia no campeonato com uma campanha pautadas em derrotas, mais o que compensava era o fato de que, o time se apresentava bem embora não ganhasse, mais as rendas eram fantásticas. Vejamos estes comentários no Diário de Natal.

*"Depois de mandar no primeiro tempo do jogo quando conseguiu passar a frente no marcador, um gol de Petinha, de cabeça, o ABC não resistiu a marcação sobre a pressão do Vasco da Gama no segundo tempo e perdeu o que poderia, ter sido sua primeira vitória no campeonato nacional. Mesmo sem ganhar, o que é que vale dizer que ficou com a menor parcela, mesmo assim o ABC, recebeu, da arrecadação de ontem, a maior soma deste nacional nos seus 7 jogos disputados, a renda bruta foi de Cr\$ 136.316,00 com 37.928 pagantes, atingindo facilmente os 40 mil se contabilizados caronas, etc."*⁹⁰

Uma das regras constada no regulamento do campeonato de 1972 era a que determinava que os clubes para participarem do próximo certame teriam de atingir média de renda de Cr\$ 80 mil cruzeiros. Vejamos o comentário do DN sobre essa realidade:

*"O ABC já tingiu média de Cr\$ 80 mil por jogo. Com excelente arrecadação verificado também no jogo ABC e Flamengo, o estádio de Lagoa Nova pulou do 9º para o 8º lugar na renda do nacional de clubes. Até o jogo de quarta-feira Natal estava no 9º lugar superando apenas Porto Alegre, Aracaju, Belo Horizonte e Maceió, porém com os Cr\$ 120.367,00 o ABC deixou mais para trás".*⁹¹

Nessa época os jogadores recebiam salários pagos com arrecadações dos jogos que eram excelentes, segundo Danilo os clubes principalmente ABC pagavam em dia com as rendas dos jogos pois os clubes principais da cidade tinham no mínimo dois grandes craques no seus elencos fazendo o público e ao estádio com retorno imediato aos clubes. Os clubes não pagavam bichos só com as rendas, o comércio tinha participação decisiva pois os dirigentes faziam campanha para conseguir dinheiro em caso de vitória do ABC, vejamos esse comentário DN:

⁹⁰ DN, 02/10/1972.

⁹¹ DN, 04/10/72

*"Continua vitoriosa a campanha promovida pelo comércio natalense, ofertando prêmio aos jogadores em caso de vitória"*⁹²

Para assistir os jogos em 72, os torcedores enfrentaram muitos obstáculos fora do estádio. O trânsito era complicado, com filas enormes de veículos que aumentavam nas principais vias de acesso ao Castelão, Alexandrino de Alencar e Bernardo Vieira, o trânsito era lento causando tenção aos motoristas com aproximação da entrada dos times em campo, mais tudo isso era compensado quando os torcedores chegavam em campo na expectativa de ver o ABC jogar no nacional.⁹³

Apesar dos transtornos em volta das circunsvizianças do Castelão, o torcedor se arriscava a enfrenta-los, principalmente para ver jogar Alberi e Danilo, grandes craques de bola, meio campistas que valiam o ingresso do torcedor, sobre isso comenta Rubens Lemos:

"Deste os filmes de Robin Hood, que a flecha depende do arco. A flecha do ABC é Alberi, o arco é Danilo Menezes, o cérebro".⁹⁴

Nessa época como já falamos havia uma grande abnegação e amor ao futebol local principalmente de grandes empresários da época, de acordo com Lemos:

*"Os cartolas abecedistas a frente Aluizio Bezerra, Bira Rocha, José Prudêncio saíram a caça de cruzeiros sagrados, percorriam comércio e arrecadavam de empresas como a Ecosil do engenheiro Fernando Bezerra, à EIT, do industrial José Nilson de Sá, doações de Cr\$ 500 cruzeiros cada."*⁹⁵

Além disso, frisa:

*"Torcedores assiduo, como ex presidente do clube Roberto Varela, que governou Ceará Mirim, o futuro deputado Lauro Bezerra, o hoteleiro Firmino Moura e o médico Qinho Chaves sacaram talões de cheques e repassaram Cr\$ 100 cruzeiros cada um."*⁹⁶

Segundo Lemos por haver escalado os jogadores Nilson Andrade e Rildo que tinham sido suspenso por dois jogos em virtude da expulsão contra o Ceará, e o meia Marcílio, sem regularização, o ABC foi punido pela CBD com três anos de suspensão de campeonato nacionais, embora, isso tivesse ocorrido com base em garantia dada pela Federação Norterio-grandense de Desportos. Um ano e meio depois o ABC era anistiado.

⁹² DN, 10/10/72

⁹³ DN, 08/10/72

⁹⁴ LEMOS FILHO, Rubens. Op. Cit. p.98

⁹⁵ Ibid, p.103

⁹⁶ Ibid, p.103



Embora isso tivesse ocorrido o ABC vivia naquele momento a expectativa de jogar com o Santos de Pelé, com isso, a torcida parou a capital para ver o rei.⁹⁷

Nessa época havia em Natal, o supermercado MiniPreço, o mesmo promoveu uma promoção na qual, quem comprasse Cr\$ 150 cruzeiros, em compras, ganharia um ingresso de geral, na compra de Cr\$ 250 cruzeiros, ganharia um ingresso de arquibancada, no caso de Cr\$ 500 cruzeiros o torcedor ganharia um ingresso de cadeira numerada. Isso se constituía portanto, em mais uma participação ativa do comércio em particular do supermercado MiniPreço, buscando lucrar também com a participação do ABC no campeonato nacional. Uma promoção que fazia três partes sair lucrando; o torcedor amante do futebol mais em condições financeira difíceis, devido principalmente a política econômica concentradora de renda já comentada nesse trabalho, o ABC que arrecadou dessa promoção e o supermercado MiniPreço que aproveitou o momento de euforia da torcida para faturar mais este tipo de promoção foi possível porque o ABC na época embora estivesse perdendo, a maioria dos jogos possuía na oportunidade um elenco que fascinava o público.

Lemos comenta sobre a vontade que o ABC estava para jogar com o Santos, com a presença de Pelé e lucrar com isso:

"O ABC pagou cota extra para que Pelé viesse Natal não se arrependeu choveram nas bilheterias quase Cr\$ 180 mil cruzeiros, dinheirão na época, com 49 mil 150 almas de sorte pagando ingresso"⁹⁸

A campanha do ABC em 72 não foi boa para o clube, terminando em 23º lugar entre os 26 clubes que participaram da competição ficou apenas a frente do CRB, Portuguesa de Desportos e Sergipe.

Mais em termo de arrecadações e público o campeonato foi muito bom para o ABC e futebol do Rio Grande do Norte, veja abaixo um quadro que mostra todo resultados do ABC neste certame e o público e renda de quase todos os jogos:

⁹⁷ Ibid, p.108

Quadro 1 - Rendas e públicos de alguns jogos do campeonato de 1972

RENDA Cr\$	PÚBLICO	JOGOS	RESULTADO
57.078,00	15.004	ABC X CRB	0 X 0
72.806,00	19.155	ABC X S.PAULO	0 X 3
72.724,00	20.302	ABC X INTER/RS	1 X 2
75.660,00	21.450	ABC X NACIONAL/AM	3 X 3
54.010,00	14.123	ABC X GRÊMIO	1 X 1
136.316,00	37.928	ABC X VASCO	1 X 2
120.367,00	32.707	ABC X FLAMENGO	0 X 0
77.261,00	Não disponível	ABC X CURITIBA	0 X 0
49.925,00	12.310	ABC X AMERICA/MG	1 X 0
65.269,00	Não disponível	ABC X REMO/PA	0 X 1
Não disponível	Não disponível	ABC X SERGIPE	1 X 0
74.774,00	11.110	ABC X CEARÁ	0 X 1
Não disponível	Não disponível	ABC X AMÉRICA/RJ	0 X 1
Não disponível	Não disponível	ABC X PORT. DISPOR	2 X 1
47.830,00	12.677	ABC X BAHIA	0 X 1
97.576,00	26.490	ABC X FLUMINENSE	0 X 1
53.000,00	Não disponível	ABC X CRUZEIRO	0 X 2
88.433,00	22.258	ABC X SANTA CRUZ	2 X 0
43.508,00	11.721	ABC X NAUTICO	3 X 4
37.105,00	10.367	ABC X VITÓRIA/BA	0 X 0
60.561,00	21.344	ABC X CORINTIANS	0 X 3
105.041,00	28.799	ABC X BOTAFOGO/RJ*	2 X 1
178.834,00	49.150	ABC X SANTOS	0 X 2
91.000,00	26.248	ABC X PALMEIRAS	2 X 2
Média de público 18.721		Média de Renda: Cr\$ 79.004,19	

Fonte: LEMOS Filho, Rubens. Danilo Menezes. O Último Maestro. P. 219 - 231

Percebemos pelo quadro acima que as rendas e públicos dos jogos foram fantásticas o menor público e renda foi de Cr\$ 30 mil cruzeiros com um público pagante de 10 mil torcedores, público que nos dias de hoje é bastante difícil de ocorrer, para que isso ocorra o jogo tem que ter muita importância, caso contrário apenas, algumas testemunhas presenciam. O quadro 1 ainda mostra que os resultados obtido pelo ABC no campeonato nacional de 72 foram bastante apertados isso porque as partidas foram bastantes disputadas, empolgando torcedor tal coisa ocorreu em função do ABC pela oportunidade um elenco que mesmo se obter grande vitória disputou com muito afimco os jogos fazendo o torcedor sempre acompanhar o clube nos jogos em Natal.

* Ibid, p.109

Sobre as disputas da década de 70 segundo Danilo entrar em campo era bastante emocionante especialmente em 72, pois o estádio era totalmente lotado como também havia uma equiparação nas equipes fazendo o jogo ser bastante disputado.⁹⁹

A presença do público motivava os jogadores em 72 e em da década de 70, segundo Danilo Menezes a média de público era de 30 mil pessoas por jogo nos principais jogos, isso por si só era um espetáculo a parte a disputa era sadia sem briga ou violência.¹⁰⁰

No campeonato nacional de 72 umas das regras para os clubes permanecerem na elite do futebol do Brasil como falamos era atingir a média de Cr\$ 80 mil cruzeiros, isso dependia muito do público dos estádios e do preço do ingresso praticado em cada estado da federação. O ABC chegou a atingir em algumas jogadas do campeonato essa média mais como o próprio quadro mostra isso não ocorreu devido principalmente o fato do Rio Grande do Norte praticar o menor preço de ingresso do Brasil, coisa que atualmente não ocorre no nosso futebol o ingresso em Natal é hoje um dos mais caros do Brasil, uma fase em que o futebol não anda bem. Sobre essa realidade vejamos essa matéria do DN:

"Ingresso caro melhora a posição na arrecadação. Desnível de preços dos ingressos do nacional está motivando uma sensível diferença entre público e renda nas estatísticas dos certames, o Estádio de Lagoa Nova, por exemplo, leva desvantagem nessa diferença já que os preços aqui são, os mais baratos do nacional, juntamente com o Peleão. No castelão, o ABC ficou atrás do Remo, nas vendas devido o preço do ingresso mais caro em Belém."¹⁰¹

Na época de ouro do futebol do Rio Grande do Norte, o ABC era dirigido, segundo Lemos, por um aguerrido empresário Abelirio Vasconcelos Rocha que usufruía, junto à galera, de cartaz de ídolo. Era ele que ousava nas contratações, brigava na imprensa e tripudiava, sobre o América nos tribunais.¹⁰² Dirigente como esse, segundo Danilo Menezes era o antigo dirigente que gostava de ser campeão para a sua satisfação e de sua família, ou seja, era o antigo dirigente torcedor e não o dirigente profissional. O ABC com esse dirigente conquistou o tetra campeonato, em 1973.¹⁰³

Nesse período de difícil marcado pela falta de liberdade política e repressão do governo militar o futebol no Rio Grande do Norte como no resto do país serviu como lazer que fazia muita gente esquecer esse problema. Veja esse depoimento de Bira Rocha.

⁹⁹ Entrevista com Danilo Menezes, 07/08/02

¹⁰⁰ Entrevista com Danilo Menezes, 07/08/02

¹⁰¹ DN, 19/10/72

¹⁰² LEMOS FILHO, Rubens. Op. cit, p. 116

¹⁰³ Entrevista com Danilo Menezes, 07/08/02

"A explosão de alegria também teve haver consentimento de revolta de ante o regime militar. O ABC era a maioria esmagadora e o futebol, válvula de escape"¹⁰⁴

Depois de 34 anos de conquista alvinegra, no campeonato que ainda não era considerado por alguns analistas como o estadual, era a vez do futebol das cores vermelha brilhar neste certame, agora era o América que vinha numa embalada de vitórias desde de 73, ano no qual o ABC não participou do campeonato brasileiro devido uma punição, pelo motivo já exposto, o América como representante do Rio Grande do Norte fez uma excelente campanha, neste nacional sendo o melhor clube do norte-nordeste este feito segundo fez valer o América a Taça Almir, homenagem da revista Placar ao melhor da região, onde nascera o ex-atacante Almir.¹⁰⁵ Essa conquista fez o América ganhar a fama de Campeão do Nordeste.

Em 1974, o ABC era anistiado da punição de 72, como frisa Lemos:

"A CBD anistiava o clube da punição imposta em 1972. Mais, para definir o representante o Rio Grande do Norte no Brasileirão de 74, havia de ser jogado um seletivo em ABC, treta campeão estadual, e o América, que disputou o nacional de 73".¹⁰⁶

O América, a exemplo do ABC tinha um excelente elenco, com Unirajara excelente goleiro, Ivan Silva, escala ex-seleção brasileira, Mário Braga e Cosme zagueiro do brasileiro de 73, além desses Paúra, Rumualdo, Waschington, Almir, João Daniel e Gilson Porto atacantes, entre outros. O ABC foi dispreparado ao jogo, depois de uma excursão pela Europa no final do ano anterior. De acordo com Lemos:

"Se o América treinava, compenetrado, o ABC foi reunindo às pressas, jogadores sendo caçado pelo país como foragido da Polinter (Polícia Interestadual)."¹⁰⁷

A primeira partida ocorreu no dia 06 de fevereiro, havendo um empate de 0 x 0 mais o segundo confronto ocorrido no dia 10 deste mesmo mês, o América mais bem preparado venceu. Havia segundo Lemos neste dia, 34 mil tensões no estádio, a angustia concentrava-se, sobre tudo, nos 70% de arquibancadas destinadas aos alvinegros.¹⁰⁸

A terceira partida o América necessitou só de um empate com o ABC, para ganhar a seletiva isso ocorreu no dia 13 de fevereiro, o Castelão recebeu um público de 40 mil

¹⁰⁴ LEMOS FILHO, Rubens. Op. cit, p. 116

¹⁰⁵ Ibid, p. 128

¹⁰⁶ Ibid, p. 128

¹⁰⁷ Ibid, p. 129

¹⁰⁸ Ibid, p. 129-130

peessoas, o ABC saiu ganhando, logo no primeiro tempo, resistindo quase todo o jogo veja o que diz Lemos sobre o que aconteceu nos momento finais do segundo tempo:

"O Castelão inteiro se preparava para a loteria dos pênaltis, quando, restando 3 minutos para o fim, Davi, de cabeça, quase no pico da área mete por cima do goleiro Erivan."¹⁰⁹

O futebol do Rio Grande do Norte tinha nesse período dois grandes times de futebol ABC e América, mais o América começava a desbancar do trono o seu principal rival, o ABC, embora o público no estádio, Castelão, continuasse sendo muito bom.

Em 74, o ABC continuava a fazer grandes contratações, como é o caso de Zé Roberto, Lemos comenta sobre as qualidades desse jogador:

"O Zé Roberto de 74 dominava todos os fundamentos, driblava em velocidade, tabelava e chutava a gol."¹¹⁰

Mais no ano 74, o América era quem reinava no futebol tirando do ABC a hegemonia do futebol, Lemos comenta sobre isso:

"Silêncio, senhores, que a cidade estar falando. Ela fala para o mundo inteiro escutar. Mundo que termina (ou começa?) com Potengi: que se estreita se estremesse as ruelas humanas do canto do mague. Entre as barracas da feira do Alecrim. A cidade fala pela buzina dos seus carros pela gritaria dos homens (comuns), que passam. A cidade faz comício, lembrando que, hoje, à noite, o mundo inteiro vai girar em torno de uma bola branca. De novo ABC x América. A repetição jamais inócua. E, hoje, os papéis se inverte, mais as emoções permanece iguais. O América joga pelo empate. Com isso será campeão de 1974. O ABC precisa de uma vitória para que a decisão seja adiada. Então, senhores passamos silêncio. Deixamos que a cidade fale. Até a hora do jogo."¹¹¹

No Castelão foi o silêncio do 0 x 0 que fez sofrer a torcida do ABC. Na sua intuição a imensa maioria ficava em casa, com apenas 18 mil pessoas, menos da metade do público da decisão de 73, testemunho ajusta a conquista do América.¹¹²

O América segundo Danilo Menezes, foi superior e mereceu a conquista.¹¹³ Este foi o primeiro campeonato estadual promovido pela FNF os demais campeonatos não eram considerado estaduais como já falamos por alguns cronistas esportivos por não haver a participação de clubes de todo o Estado. A respeito disso fala Procópio Neto:

¹⁰⁹ Ibid, p.133

¹¹⁰ Ibid, p.136

¹¹¹ Ibid, p.138

¹¹² Ibid, p.138

¹¹³ MENEZES, Danilo., apud, LEMOS Filho, Rubens. Op. cit, p.138

"A FNF realiza o primeiro campeonato estadual, reunindo equipes da capital e do interior, cabendo o título invicto ao América, orientado por Sebastião Leônidas"¹¹⁴

No ano seguinte, o ABC contratou o jogador Samuel segundo Lemos, Samuel era um meia, driblador, elegante, rápido e goleador. Era um jogador que o ABC precisava para tomar hegemonia do seu rival¹¹⁵

Samuel ficava na história do futebol potiguar com um dos gol mais bonito marcado no Castelão, vejamos como isso ocorreu:

"Já estava 1 x 0 para o ABC e, aos trinta minutos do segundo tempo, na intermediária do gol inverso ao do placar, Samuel vê uma fila de jogadores do Alecrim a sua frente. O primeiro drible, ele aplica no zagueiro Ivan, cabeça erguida, humilha o meia Batista com um corte seco e, zique-zaque, faz cair o lateral Carlindo. Silêncio de cemitério no instante mágico em que de câmara lenta Erivan dar um passe adiante Samuel percebe e toca de ponta de chuteira, leve a bola encobrindo o goleiro e beijando as redes."¹¹⁶

Mais o América neste ano era um timasso de futebol treinado pelo técnico Leônidas, em 75, o time rubro venceu o primeiro turno, o segundo e liderava com chances enormes de vencer o campeonato em jogo extra. Embora o ABC no dia 7 de junho de 1975 vencesse uma partida mantendo as esperanças alvinegra de conquistar o terceiro turno e ainda lutar uma partida extra pela conquista nesse certame. A decisão aconteceu na tarde de um domingo, com a presença de 35 mil pessoas no Castelão, naquele ano essa seria, a única partida vencida pelo ABC, o América era o melhor e no dia 27 de julho voltaria vencer o ABC. O ABC assim voltava a ser freguês nessa final entrou no gramado exibindo na fase a frustração de ser vice antecipado. Sobre isso comenta Lemos:

"O América provocava, abrindo gigantesca faixa com as iniciais do oponente: ABC, que significa América, bi campeão."¹¹⁷

Pelo que vimos, o ABC clube de maior torcida no futebol do Rio Grande do Norte perdia a hegemonia do futebol do Rio Grande do Norte para o América que além de ganhar estaduais ganhava expressão nacional com resultados expressivos, depois de conquistar a famosa Taça Almir, o América continuava fazendo história no cenário nacional, a respeito disso fala Procópio Neto:

¹¹⁴ FILGUEIRA Neto, José Procópio. Op. Cit. p. 221

¹¹⁵ LEMOS Filho, Rubens. Op. cit p. 141

¹¹⁶ Ibid, p.142

¹¹⁷ Ibid, p.145

"No campeonato de 1974 o América derrota o Coritiba, no estádio Belfort Duarte por 1 x 0, derrota o Olaria, no Estádio São Januário, e ainda o Fluminense e Botafogo no Castelão".¹¹⁸

Em 1975. O América continuava surpreendendo neste ano venceu o Vasco da Gama em São Januário, onde fez milionário o goiano Miranda de Souza que ganhou na loteria esportiva apostando no América.¹¹⁹ O ABC, que simbolizava a força do futebol do Rio Grande do Norte no começo da década de 70 começava a dar sinais de superação, esse comentário de Lemos denota isso, o time que empolgava a partir de 72 andava capenga, cansado e inofensivo.¹²⁰

O ABC não renovava seu elenco, não buscava valorizar a prata da casa, criando assim jogadores no próprio clube, fez ao contrário uma política, na qual inflacionou-se seu elenco, essa política desenvolvida pelos dirigentes enquanto o clube vinha ganhando deu certo, porém os tempos mudaram, com isso, o ABC não era mais o mesmo, aquele time vencedor em função disso e de outros erros dos dirigentes o futebol do Rio Grande do Norte que dependia muito do sucesso seus principais clubes, principalmente ABC partia rumo a uma crise.

Numa entrevista a DN, Zagalo já na época em que o ABC participou do nacional de 72 alertava sobre o fato do ABC ser um time de aluguel:

"Futebol não se faz da noite para o dia. Essa solução do ABC encontrou para fazer uma boa campanha no nacional é de curto prazo. Os times que estreiam no nacional deviam pensar numa solução a longo prazo, preparando-se para o certame do próximo ano. Conforme entrevista, o ABC não vai poder manter esses jogadores depois do nacional, então terá de voltar a seus velhos jogadores. No próximo ano terá que fazer a mesma coisa e assim vai ficar no círculo vicioso que não trás proveito nenhum."¹²¹

O ABC, assim, além de não fazer uma política buscando valorizar a criação de jogadores, acostumou os torcedores com valores vindos de outros centos inflacionando, como já comentamos seu elenco.

O ano de 76 foi marcado pela transações locais, caracterizada pela saída de Alberi do ABC passando para o América no momento em que o ABC estava tentando renovar o passe de Alberi aproveitando-se, disso o América passa a perna no ABC mas o ABC dá o

¹¹⁸ FILGUEIRA NETO, José Procópio. Op. cit, p. 221

¹¹⁹ LEMOS FILHO, Rubens. Op. cit, p. 148

¹²⁰ Ibid, p.146

¹²¹ DN, 03/10/72.

troco, trazendo Reinaldo do América, seu principal rival neste ano, o público ainda acompanha seus clubes preferidos.

A decisão do torneio preparatório para o campeonato deste ano compareceu 32 mil 642 pessoas no Castelão.¹²² Na decisão do primeiro turno do campeonato muita gente de novo presente no Castelão Lemos comenta sobre isso:

"Recorde a ser quebrado, torcida do ABC exigindo superioridade. O Castelão exhibia, minutos antes do jogo, o retrato da exuberância e da apreensão. Estava totalmente tomado, gente se espremendo, 500 PMs assustados, cacetetes à mão, rezando para um tumulto não gerar tragédia. A renda da época, 603 mil cruzeiros, com um público 49.081 torcedores pagando ingresso, epopéia"¹²³

O ABC venceu por 3 x 0. No segundo turno deste campeonato, o Castelão recebeu 50.488 que desafiavam o poder de resistência do Castelão, o América venceu por 2 x 1, forçando uma final com uma partida extra.¹²⁴

O ABC ganhou de forma avassaladora o terceiro turno, na final precisaria só de uma empate, o ABC no jogo final só contou com Reinaldo no segundo tempo, ele havia sido vendido por uma fábula de 1 milhão e 500 mil cruzeiros, comenta Lemos.¹²⁵ O ABC sagrou-se campeão com um empate sem gols segundo Lemos foi uma campanha memorável: 25 jogos, vinte e duas vitória, uma derrota e dois empates.¹²⁶

A conquista desse campeonato fez o ABC retornar ao campeonato nacional, com um time despreparado, fora de forma e sem vibração disputou o campeonato, nessa situação os resultados não foram bons, perdeu para o Flamengo, empatou sem gols com Volta Redonda, fora de casa perdeu para o seu rival América por 2 x 1 que segundo Lemos devolvia com juro e correção o sofrimento pela a perda do tri campeonato estadual. Essa derrota desclassificou o ABC, na sua pior campanha em campeonato brasileiro. Na repescagem os insucessos alvinegro continuaram.¹²⁷

¹²² LEMOS FILHO, Rubens. Op. cit. p. 154

¹²³ Ibid, p. 157-158

¹²⁴ Ibid, p. 158

¹²⁵ Ibid, p.164

¹²⁶ Ibid, p.166

¹²⁷ Ibid, p.166

3.3. O Início de uma Crise

O futebol do Rio Grande do Norte que na década de 70 inteira havia mostrado a sua força, já mostrava sinais de crise, pautada na queda paulatina do ABC, principalmente no ano de 77 já começavam aparecer, neste ano o público já começava presenciar a violência em campo, ao invés de grandes jogadores, isso ocorreu no dia em que o América o campeonato deste ano, numa final em que jogou pelo empate depois de ter vencido dois turnos e o ABC um. A respeito disso comenta Lemos:

"Nem mesmo em 72, com Alberi ganhando o Oscar da bola de prata, o futebol potiguar teve direito a sagrados minutos no Fantástico, o programa que a Rede Globo escolheu para fazer o Brasil esperar pela segunda-feira. As imagens do domingo, 18 de setembro de 1977, escancararam ao país a pancadaria que não impediu a confirmação da superioridade americana."¹²⁸

Segundo Lemos, o importante para o ABC naquele dia era não deixar o América vencer nem comemorar. Competir ficava para depois.¹²⁹

Falando sobre a violência que nada tem haver com o competir ou jogar, o desrespeito ao adversário num jogo, como também a falta de caráter esportivo de alguns vejamos o que comenta José Sebastião Witter:

"Uma questão muito debatida nestes anos é referente a violência, que tem aumentado dentro e fora das famosas quadros linhas. São muitas as causas ou razões para que isso ocorra. Não imaginamos ser necessário discuti-las aqui, mais bem assinalar que a pratica da violência, seja ele em qualquer esporte, é negação da própria pratica esportiva. Ninguém gosta de perder, porém nem sempre se pode ganhar. Muitos já disseram: "perder é do jogo"¹³⁰

Em novembro, dia 20 ABC x América jogariam decidindo uma vaga para a fase seguinte do campeonato brasileiro, era dois os representantes do Rio Grande do Norte neste campeonato o Castelão de novo superlotavam 36 mil 401 torcedores.¹³¹

O ABC este ano vence o América por 3 x 0 e conseguia a vaga para a fase seguinte. Mais uma vez Castelão lotava no jogo ABC 2, Cruzeiro 2, compareceram nesse jogo 35 mil pessoas para de Lemos.¹³²

Neste ano compareceram segundo Procópio Neto 262.592 pagantes em jogos realizados pelo América e 237 mil 482 em jogos em que participou o ABC.¹³³

¹²⁸ Ibid, p.172

¹²⁹ Ibid, 172

¹³⁰ WITTER, José Sebastião. Breve História do Futebol Brasileiro, p.32

¹³¹ LEMOS FILHO, Rubens, Op, cit, p. 190

O campeonato de 1978 foi vencido pelo ABC, que empatou com o América na final, era o terceiro campeonato que terminava com empate era como uma gangorra, 76, ABC, 77, América, 78, ABC e em 79 o pêndulo quase continuou alvinegro, diz Lemos.¹³⁴

No final da década de 70 e início da década de 80 o futebol potiguar já não era o mesmo dos anos 70 veja o que Lemos comenta sobre isso:

"Todos tinham que admitir. O chame do futebol potiguar definhava. Talentos, que sobravam no empolgante início da década, contavam-se nos dedos. O ABC dependia - dramaticamente da perna esquerda do uruguaio Danilo Menezes, que chegava aos 34 anos. Alberi não fora tratado como rei no América."¹³⁵

No início da década de 80 sobraram da geração anterior craques como, Danilo Menezes do ABC, Marinho Apolônio do América ninguém mais segundo Lemos a média de público descera dos naturais 20 mil por partida, para 10 mil, com boa vontade da torcida.¹³⁶

Para sair dessa situação, os dirigentes buscaram, em 81 como saída trazer grandes clubes para realizar jogos amistosos em Natal, o primeiro foi o Flamengo que havia sido campeão mundial interclubes e invicto há 45 jogos, para isso neste ano, os clubes montaram um combinado para jogar com o Flamengo, o torcedor só para ver jogadores como, Zico, compareceu em grande número ao Castelão, que lotou novamente, com 37 mil 178 torcedores. Depois desse sucesso de renda e público, com a presença do Flamengo, os dirigentes do ABC resolveram trazer o Vasco, só para esse jogo contrataram Rivelino que jogou, ao lado de Danilo Menezes mais o público não foi o esperado pelos cartolas, compareceram ao Castelão 24 mil pessoas, frustando a expectativa dos mesmos. A idéia de trazer Flamengo e Vasco não trouxe o torcedor de volta, conforme Lemos o campeonato potiguar deste ano foi uns dos mais modorrentas da história.¹³⁷

Essa situação ocorreu em função dos clubes principais da capital terem cometidos muitos erros, principalmente o ABC, clube de maior torcida do Rio Grande do Norte. Segundo Danilo Menezes, a falta de profissionalismo aliada a falta de craques e uma seqüência de erros cometida pelos dirigentes¹³⁸, alguns erros como esse que citamos nesse

¹³² Ibid, p.181

¹³³ FILGUEIRA NETO, Op. cit., p. 223

¹³⁴ LEMOS FILHO, Rubens. Op. cit. p. 185

¹³⁵ Ibid, p.185

¹³⁶ Ibid, p.186

¹³⁷ Ibid, p. 188

¹³⁸ Entrevista com Danilo Menezes, 07/08/02



trabalho, a contratação de um jogador por telefone sem nenhum levantamento da referência pessoal do jogador, Lemos faz comentário a respeito disso:

"Everton, a gafe mais espalhafatosa da idade moderna abcedista, desce ao vestiário e não volta mais ao segundo tempo. No outro dia, toma o avião de retorno logo cedo, sem carona até o aeroporto. Não era o legítimo Everton do Matsubara, que fazia fama no Londrina e no São Paulo aquele era uma cópia vigarista, que passava tardes no Botafogo, até encontrar o habaca que telefonasse".¹³⁹

Futebol é algo que serve para aliviar dificuldade divida no cotidiano mais o início da década de 80, é marcado por dificuldades vividos pelo povo brasileiro, causadas pelo reflexo da política econômica do chamado "milagre econômico". Então, no início da referida década, a inflação acompanhada da recessão afligia o povo brasileiro e em Natal essa realidade não podia ser diferente, ela fazia parte desse processo crescia paulatinamente inserida nesse modelo concentrador de renda e riquezas. Sobre o uso do futebol para aliviar dificuldades do cotidiano como já falamos veja o comentário de José Carlos Sebe e José Sebastião Witter:

"Uma espécie de "alma brasileira" ou "marca nacional" foi atribuída ao grupo que historicamente teria aprendido a gingar driblando os problemas da vida"¹⁴⁰

Segundo José Cícero, vendedor de bebidas e churrasquinhos no portão 5 do América, as vendas desses produtos eram muito boas, em meados de 60, poucas pessoas vendiam tais produtos. Ele conta que poucas pessoas vendiam tais produtos com ele vendiam Damião e duas ou mais pessoas, ou seja, em torno de cinco pessoas vendiam tais produtos, mais hoje são mais de 25 só no portão 5 do América¹⁴¹. Isso mostra como a política desenvolvimentista trouxe reflexo para economia fazendo aumentar as atividades do comércio informal.

Mais segundo Cícero, as rendas foram diminuindo, não só pela concorrência de outros vendedores mais também por falta de público do estádio, isso aliado a falta de dinheiro das pessoas. Cícero comenta que a movimentação de torcedores na década de 70 era intensa havia torcedores de todos os lugares, vinham do interior principalmente da garante Natal: Macaíba, Parnamirim, São Gonçalo, Extremoz, além de torcedores que

¹³⁹ LEMOS FILHO, Rubens. Op cit, p.196

¹⁴⁰ BOM Meihy, José Carlos Sebe; WITTER, José Sebastião. Futebol e cultura, p. 14

¹⁴¹ Entrevista com José Cícero, 06/08/02

vinham do interior. Isso ocorria porque os clubes principais da cidade tinham bons jogadores e chamavam atenção do torcedor¹⁴².

Além desse problemas o futebol nacional viveu o desanimo muito grande, causado pela perda da copa de 82, pois a seleção brasileira era considerada um grande escrete, segundo muitos analista de futebol. Lutécio Luiz diz que:

*"A perda da copa do mundo de 1982, trouxe um abalo terrível para o futebol brasileiro. A final de contas, tínhamos a melhor seleção (segundo treinadores do mundo inteiro), praticamente um futebol de sonhos e alguns jogadores considerados gênios vestiam a camisa canarinho"*¹⁴³

A derrota da seleção causou prejuízos para o futebol nacional segundo Lupécio Luiz os estádios voltaram a ficar vazios e uma crise de identidade tomou conta do nosso futebol, coisas como, as indefinições de calendário e a política desvairada da CBF, completaram o caos existente, com os estados menores (o nosso RN está incluído), sofrendo muito mais os reflexos da crise.¹⁴⁴

Aliado a isso tudo, segundo Jorge Tavares, fatores como: o preço do ingresso, a queda do poder aquisitivo do povo, principalmente o de baixa renda que é, o público que vai mais ao estádio ver o seu clube contribuíram para essa crise. Segundo ele a saída de vários dirigentes abnegados que colocavam dinheiro nos clubes, também prejudicou além da televisão que começou a passar os jogos ao vivo. Segundo ele na década de 70 os chamados pequenos jogos o público era considerado bom cerca de 5.000 de média essa média de público foi caindo no início da década de 80.

Tavares, disse ainda que o futebol do Rio Grande do Norte viveu nesse período, um semi amadorismo, principalmente os clubes pequenos que entravam e saíam do campeonato constantemente. Segundo ele, isso ocorreu devido a falta de participação da iniciativa privada, no sentido de patrocinar os pequenos clubes principalmente os empresários locais como também a falta de incentivos dos órgãos públicos aos mesmos. Além desses fatores o torcedor foi se acostumando a torcer pelos clubes do eixo Rio e São Paulo, por causa da televisão que transmitia jogos ao vivo, fazendo o torcedor deixar de acompanhar o futebol local.

Somado a tudo isso a violência começou acontecer nos estádios do Brasil e em Natal isso não foi diferente em função disso muitos torcedores deixaram de ir ao estádio

¹⁴² Entrevista com José Cícero, 06/08/02

¹⁴³ Entrevista com Lutécio Luiz, 22/03/02

¹⁴⁴ Entrevista com Lupécio Luiz, 22/03/02

preferindo ficar em casa resguardando sua integridade física e buscando outros lazeres de acordo com paulatino crescimento de Natal.

4. CONCLUSÃO

O futebol do Rio Grande do Norte viveu seu período de apogeu na década de 70.

Ao concluir esse trabalho recebemos com o futebol do Rio Grande do Norte foi beneficiado com a construção no estádio presidente Castelo Branco, o Castelão, sua construção se deu em função da prática de uma política de integração nacional efetuada pelo governo militar também através do esporte. Essa construção possibilitou a participação de ABC e América nos campeonatos promovidos pela CBD, Confederação Brasileira de Desportos. Foi com a participação inicial de ABC e depois América que o futebol do Rio Grande do Norte viveu momentos de glória. Na época os clubes grandes da capital, ABC e América contrataram jogadores de nome fazendo o torcedor ir ao Castelão. O público pagante atingiu uma média de 30 mil. Foi nesse período que todos saíram lucrando com o futebol, os jogadores que na época eram pagos com as rendas dos jogos, o torcedor amante do futebol, o dirigente que era dirigente abnegado e tinha satisfação pessoal com a vitória de seu clube.

Além de tudo isso, aqueles que comercializavam produtos fora do estado também lucravam com o futebol num tempo, em que o comércio informal ainda não era muito grande fazendo aqueles que trabalhavam da venda de produtos relacionados com a festa do futebol, como o caso de José Cícero que vendia juntamente com aproximadamente 4 pessoas churrasco e bebidas no portão 5 do Castelão.

Mas com o tempo vimos que os dirigentes foram cometendo erros como a não criação de jogadores no próprio clube com isso, tendo que importar jogadores de outros centros inflacionando seus elencos, contratavam jogadores agindo como clubes amadores na época que o futebol se consolidava como profissional, a prática de um ingresso fora da realidade de muitos torcedores, no início de uma década em que o povo sofria os reflexos de uma política econômica concentradora de renda e riquezas que provocou no país como resultado, inflação e recessão, nomes que fez parte da vida do Brasil no início da década de 80.

Além dos erros, a televisão que ainda não existia em grande parte dos lares dos natalenses, no início da década de 70, no final desta, começava a ganhar os lares de várias residências em Natal. Com isso ela passou a concorrer com o futebol, que no caso do Rio Grande do Norte não evoluiu como a economia. Foi através da televisão que o torcedor começava a ver em casa os grandes jogos do campeonato brasileiro, numa época em que a violência crescia assustadoramente nas cidades e começava a ganhar os espaço dos esporte,

principalmente jogos que envolviam clubes do Rio e São Paulo, com isso o torcedor começou a se acostumar a gostar de clubes que não eram do Rio Grande do Norte, deixando de acompanhar o campeonato estadual.

Natal cresceu mais o futebol não acompanhou a esse crescimento, o Castelão com o passar do tempo vai deixando de ser aquele estádio, no qual servia grandes craques do futebol, pois a economia do país em recessão impedia os dirigentes gastar com o futebol, em contra partida, o torcedor, amante do futebol arte deixou de comparecer ao Castelão no início da década de 80.

Como também com a evolução da cidade, no início da década de 80, outras formas de lazer iam aparecendo, ir a praia por exemplo, não era tão difícil quanto no início dos anos 70, pois naquela época 10 km era considerado uma grande distância devido o precário sistema de estradas e de transportes da época que marcavam uma cidade como Natal, com aspecto de província e que paulatinamente se urbanizava.

Esperamos com este trabalho ter contribuído, ao estudar o tema Futebol que tem sido pouco estudado pelos alunos de graduação do curso de história e que tem um cunho social importante, assim sendo buscamos somar com outros trabalhos de graduação que tratam o referido tema.

6. FONTES

Entrevista com Hélio Câmara em: 20/03/02

Entrevista com José Cícero em: 06/08/02

Entrevista com Jorge Tavares em: 18/03/02

Entrevista com Lupécio Luiz em: 22/03/02

DN, 02/10/72

DN, 03/10/72

DN, 04/10/72

DN, 08/10/72

DN, 10/10/72

DN, 19/10/72

5. BIBLIOGRAFIA

BRITO, Itálo Siqueira de. **Controle Social e Futebol no Rio Grande do Norte (1970-1982)**, 46p. Monografia (Graduação em história). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2000.

BRUM, Argemiro Jacob. **O Brasil no FMI**, Petrópolis Ed. Vozes., 1984.

BRUM, Argemiro Jacob. **O Desenvolvimento econômico brasileiro**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1991.

CLEMENTINO, Maria do Livramento Miranda. **Economia e urbanização: o Rio Grande do Norte nos anos 70**. Natal, UFRN/CCHLA, 1995. (COLEÇÃO HUMANAS LETRAS)..

DAVIDOFF, Cruz Paulo. **Dívida externa e política econômica. a experiência brasileira nos anos 70**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984

FILGUEIRA NETO, José Procópio. **Os esportes em Natal**. Natal: FENAT, 1991.

FURTADO, Celso. **O Brasil pós-milagre**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1993.

HERSCHMANN, Micael; LERMEN, Kátia. **Lance de Sorte: O futebol e o jogo do bicho na Belle époque carioca**. Rio de Janeiro: Ed, Idiadorin, 1993.

LEMOS, Filho Rubens. **Danilo Menezes o Último maestro**. Natal: Departamento Estadual de Imprensa.. 2001.

LIMA, Roberto Flávio Gomes. **A pátria em campo: simbiose esporte poder**, 62 p. Monografia (graduação em história). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1999.

MEDEIROS, Alex. **Todos juntos, vamos: memórias do tri**. Natal, Ed, Palavra e imagem, 2002.

MEITHY, José Carlos Sebe Bom, WITTER, José Sebastião. **Futebol e cultura: coletânea de estudo**. São Paulo: Imprensa Oficial: Arquivo do Estado, 1982.

PRADO, Décio Almeida de. **Seres, coisas, lugares: do teatro ao futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

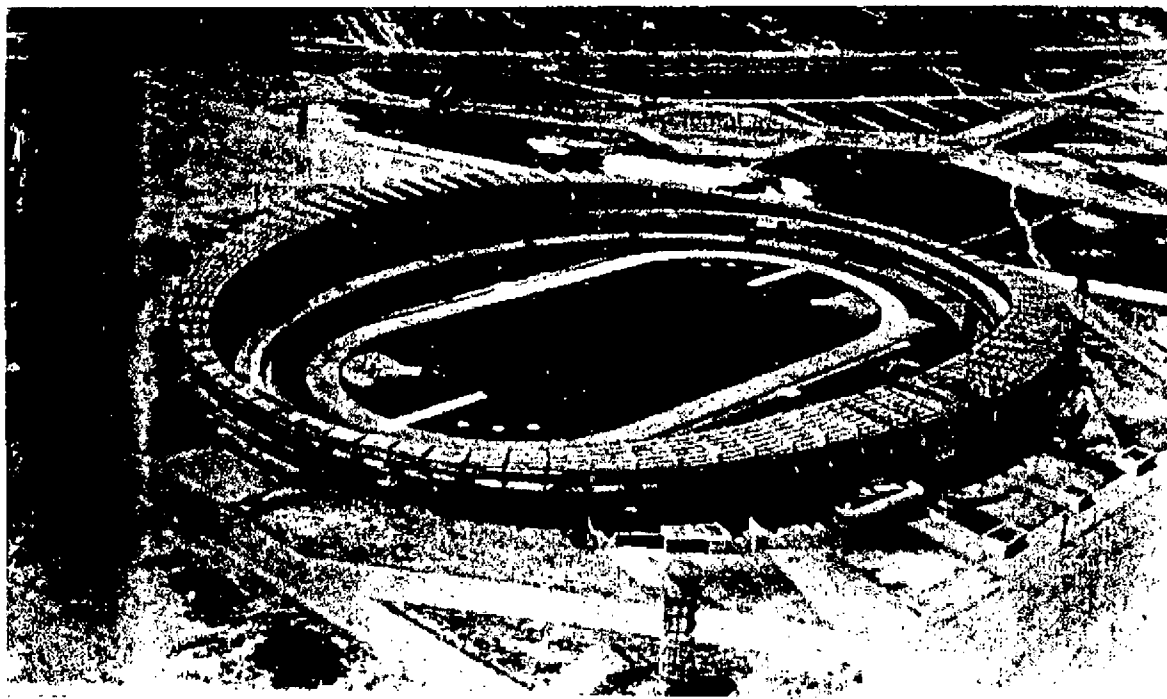
RESENDE, André Lara, et al. **Dívida externa, Recessão e ajuste estrutural: O Brasil diante da crise**. São Paulo: Ed. Paz e Terra. 1983

SANDRONE, Paulo. **Balanço de pagamentos e dívida externa**. São Paulo: Ed. Ática. 1989.

SANTOS, Paulo Pereira dos. Evolução econômica do Rio Grande do Norte: século XVI ao XXI. Natal: Clima, 1994.

SILVA, Alcir Veras da. Algodão e indústria têxtil no nordeste. Uma atividade econômica regional. Natal. Ed. Universitária, 1980.

WITTER, José Sebastião. Breve história do futebol brasileiro. São Paulo: FTD, 1996

7. ANEXOS 1 (Foto do Castelão)

Estádio João Machado - "Um poema de concreto armado"

7.1 Anexo 2 (Hinos)

A onde fores ABC

A onde fores ABC eu hei de ir
Sua bandeira nos meus braços vou erguer
Gritar o seu nome nos estádios aplaudir
A cada gol que marcareis pra vencer
És minha reza, meu prazer, minha paixão
És a cartilha que eu carrego sobre o sol
Maravilhoso nestas tardes, as grandes aulas que tu dastes, futebol
Os teus atletas representam tua alma.
Que o pavilhão alvinegro é a minha cor.
A tua história é de palma, em cada alma, meu ABC, eu o saúdo com amor
Laia, laia, laia, meu ABC.



ABC Clube do Povo

ABC clube do povo.
Campeão das multidões.
Serás sempre o mais querido, pelo nossos corações.
Eu me orgulho em ser da terra potiguar.
Quando eu vou para o gramado ver o ABC jogar.
É bola pra li, é bola pra lá.
O negócio só tem graça se o ABC jogar.
O adversário fica no campo perdido.
Salve o mais querido, salve o mais querido.

Pra frente Brasil

Noventa milhões em ação.
Pra frente Brasil, salve a seleção.
De repente é aquela corrente pra frente.
Parece que todo o Brasil teu a mão.

Todos ligados na mesma emoção, juntos é um só coração.

Todos juntos vamos pra frente Brasil, Brasil, salve a seleção.

Todos juntos vamos pra frente Brasil, Brasil, salve a seleção.

7.3 - Anexo 3 (Entrevistas)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
ENTREVISTA COM LUPÉCIO LUIZ (22/03/02)

QUESTIONÁRIO

- 1. Qual a necessidade da construção do Estádio Castelão, atual Machadão, no início da década de 70?**
- 2. Na década de 70, os clubes da capital contrataram grandes nomes do futebol nacional. Quais foram esse jogadores e sua influência a nível econômico, e respaldo do torcedor?**
- 3. Na época do "milagre" no RN houve, a exemplo da capital, a construção de outros Estádios nas cidades do interior?**
- 4. Desde a sua inauguração, quais foram as reformas feitas no Estádio no período de 70 e 85?**
- 5. Sua conservação no referido período foi adequada?**
- 6. Fale sobre a crise dos clubes de futebol do RN a partir de 78 a 85?**
- 7. Na sua opinião a derrota da seleção em 82 trouxe reflexo sobre o futebol potiguar?**
- 8. Na sua opinião, quais as consequências econômicas e sociais que afetariam o futebol potiguar no período de 78 a 85?**

RESPOSTAS

- 01 . "... no campo, uma festa. A Taça Jules Rimet passa de mão em mão. A melhor fotografia é a de Carlos Alberto erguendo-a sobre a cabeça. Os mexicanos misturam-se aos torcedores brasileiros e dançam nas arquibancadas. No Brasil, o carnaval extemporâneo está nas ruas, nos morros, nos salões. Os alto-falantes explodem com a marcha de Miguel Gustavo, Prá Frente Brasil. Explodem foguetes, os automóveis buzina. Apitam as locomotivas..... no quartel do Regimento Sampaio oficiais e praças se confraternizam indisciplinadamente. Às favas com a hierarquia. Na cela de presos políticos, Apolônio de Carvalho --- herói da Guerra Civil Espanhola e da Resistência Francesa, além de diretor da Cruz de Lorena --- murmura secretamente algumas frases aos ouvidos do jornalista Álvaro Caldas, seu vizinho de catre, Bruno Dauster, Sílvio Renan, Raimundo Mendes, Paulo Sérgio Paranhos, Salatiel, Jáder da Silva, José Correia e Alberto Gentile Filho estão ao que se passa fora do cárcere. Não têm rádio. Tiraram-no desde o seqüestro do embaixador alemão Von Holleben. Era uma das muitas represálias que a ditadura impunha aos presos políticos."
(TEIXEIRA HEIZER).

Era o país tri-campeonato mundial de futebol que vibrava e dançava, mesmo diante da ditadura militar liderada por Emílio Garrastazu Médice, um general linha dura insensível aos rogos por uma imediata volta à democracia. E, mesmo com o sangue de brasileiros continuando a jorrar nos cárceres e nos combates de rua, era preciso vibrar e saudar os novos heróis da pátria.

Em todos os quadrantes do país, surgia a febre da edificação de novas praças esportivas, como para provar a nossa superioridade perante o mundo e, na tentativa de abafar a violência e o sangue derramado nas ruas.

O Castelão, hoje João Cláudio de Vasconcelos Machado, nascia sob a égide dessa febre que tomava conta do país, para alegria dos desportistas norte-rio-grandenses, que passaram a frequentar o novo estádio nas tardes de domingo, como uma forma de lazer da própria família.

- 02 . A conquista do tri-campeonato mundial de futebol, foi muito bem utilizada pela ditadura militar, como um aliado importante instrumento de divulgação do chamado "milagre" brasileiro. Para agradar a classe política dominante (a mesma de sempre, encastela no poder), a CBF - Confederação Brasileira de Futebol, também dirigida por militares, resolveu ampliar de forma absurda e grosseira o Campeonato Brasileiro (Copa União, anteriormente), contemplando todos os Estados da federação. Assim, o futebol potiguar, se viu de repente guindado à condição de

participante do primeiro escalão do futebol brasileiro surgindo daí, a necessidade de Abc e América, principalmente, renovarem suas equipes, com a contratação de jogadores mais experientes.

fator novidade, aliado a presença de jogadores de grande prestígio nacional, trouxeram para o futebol do RN, bons dividendos financeiros. A chegada de craques como Scala, Mário Braga, Rildo, Jangada, Hélcio, Silva e tantos outros que se juntaram a Alberí, Danilo Menezes, Marinho Chagas, Washington que aqui já defendiam a dupla natalense, acabou despertando o interesse maior do público natalense. Assim, com a presença das grandes equipes do futebol brasileiro, passamos a ter arrecadações excepcionais e públicos superiores a 35 mil espectadores.

- 03 .** sucesso do futebol em Natal, passou a ser ponto de conversa e interesse em todo o Rio Grande do Norte. O crescimento financeiro e técnico, começou também a despertar a necessidade de ampliação do próprio calendário esportivo, surgindo então, estudo que resultou, no ano de 1974, na criação do Campeonato Estadual de Futebol.

Mossoró, como a segunda cidade do RN, também trabalhou a construção do seu estádio (Estádio Professor Manoel Leonardo Nogueira), hoje com capacidade para 22 mil torcedores, exemplo, posteriormente seguido por outras em cidades.

A interiorização passou a ser uma realidade e hoje contemplamos cidades como Mossoró, Caicó, Assú, Parnamirim, São Gonçalo, Pau dos Ferros e Currais Novos, como integrantes da primeira divisão do nosso futebol.

- 04 .** Infelizmente, ao longo de sua história, o nosso Estádio João Cláudio de Vasconcelos Machado, não tem recebido o devido carinho e respeito das autoridades da terra. A sua estrutura belíssima, vem aos poucos sendo corroída pelo tempo, sem que uma atitude séria seja tomada para resguardar a sua estrutura física.

Paliativos, esporadicamente são levados a imprensa, numa tentativa de defender a péla dos dirigentes políticos, ameaçados, pela grita sempre crescente dos desportistas do Rio Grande do Norte.

- 05 .** Segundo informações dadas pelo projetista do Estádio João Cláudio de Vasconcelos Machado, as emissoras de rádios e jornais da capital, urge a necessidade de se realizar um trabalho de recuperação total da nossa principal praça esportiva.

Grande parte da estrutura, segundo o projetista, estaria comprometida pela falta de cuidado na sua manutenção, colocando em risco, a própria segurança do torcedor que

vai aos jogos.

Um episódio que ilustra bem a falta de manutenção do nosso Machadão foi a queda de uma torre de iluminação do Estádio, ocorrida, felizmente, num dia em que o Machadão estava fechado.

- 06 .** futebol brasileiro, com o jejum dos títulos mundiais (foram 24 anos de espera - 1970/1994), viveu uma crise de identidade sem precedentes, atingindo a todos os seus segmentos.

E o Rio Grande do Norte, não ficou incólume. A mentalidade arcaica dos nossos dirigentes, encastelado no poder e praticando um amadorismo das décadas anteriores, foram fatores preponderantes na crise que se abateu sobre o futebol brasileiro em geral.

Enquanto que o continente europeu ensaiava os primeiros e decisivos passos para a profissionalização do futebol os nossos dirigentes viviam de devaneios e sonhos do passado.

Se já não bastasse a inoperância administrativa, a corrupção começava a minar toda a estrutura do futebol nacional, com reflexos negativos dentro de campo. Entidades ricas, dirigentes ricos e clubes pobres, era a nova realidade existente.

Para completar, o nosso Estado deixou de ser participante da divisão principal do futebol brasileiro, deixando uma lacuna enorme e, impossibilitando nossas equipes de promover um investimento maior nas contratações. Resultados: os ídolos deixaram de existir e o público, gradativamente, foi se afastando dos estádios.

- 07 .** A perda da Copa do Mundo de 1982, trouxe um abalo terrível para o futebol brasileiro. Afinal de contas, tínhamos a melhor seleção (segundo treinadores do mundo inteiro), pratica vamos um futebol de sonhos e alguns jogadores considerados gênios, vestiam a camisa canarina.

Infelizmente, a teimosia do treinador Tolé Santana, diga-se de passagem, um excelente e vitorioso técnico, acabou eliminado o Brasil e gerando um profundo sentimento de tristeza no torcedor brasileiro.

Os estádios voltaram a ficar vazios e uma crise de identidade tomou conta do nosso futebol. As indefinições de calendário e a política desvairada da CBF, completaram o caos existente, com os Estados menores (o nosso RN está incluído) , sofrendo muito mais os reflexos da crise.

- 08 .** A interiorização do futebol norte-rio-grandense nascida para torná-lo mais forte, acabou, por força da incompetência e intransigência dos nossos dirigentes, por

diminuir a força do campeonato estadual.

A exclusão da dupla Abc/América da elite do futebol brasileiro, fez crescer a necessidade de afirmação dessas equipes no cenário estadual e, a consequente, conquista de títulos.

E nesse período, mais do que nunca, ficou fortalecida a idéia do se proteger a dupla. Chega-se até afirmar que apenas o Abc e América, poderiam vencer o campeonato Estadual.

Diante de tal quadro, os times e investimentos vindos do futebol do interior começaram a minguar, equipes entravam na disputam e saiam de forma rápida, gerando o desinteresse e a queda de publico e de recursos financeiros no futebol do Estado.

Passamos a ser um polo apenas exportador e os poucos jogadores contratados, eram normalmente atletas ultrapassados e velhos, sem o poder e força de bilheteria. Perdemos grandes promessas e o índice técnico do nosso futebol, chegou aos seus piores momentos.

Com a falta de atrativos o público diminuiu e os investimentos ficariam escassos. O campeonato, no período, chegou a ser disputado por apenas cinco equipes, sinônimo de desemprego.

Somente, na segunda metade da década de 90, quando o América voltou a participar a 1ª divisão do futebol brasileiro, o Rio Grande do Norte experimentou um novo crescimento do seu futebol.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
ENTREVISTA COM JORGE TAVARES (20/03/02)**

QUESTIONÁRIO

1. Fale sobre os públicos no Castelão na década de 70, no que diz respeito a grandes jogos.?
2. Como era a presença de público em partidas envolvendo ABC, América e equipes como Ferroviário, Baraúnas, Potiguar e Alecrim na década de 70, comparando com o início da de 80?
3. Na sua opinião faltou profissionalismo aos clubes pequenos do Rio Grande do Norte para continuar sobrevivendo e assim evitar entrar e sair do campeonato estadual constantemente?
4. Na sua opinião o que mais prejudicou o futebol do Rio Grande do Norte de 79 a 82?

RESPOSTAS

1. Com a inauguração do Castelão o público aumentou consideravelmente, principalmente com a participação de um representante do Rio Grande do Norte no campeonato nacional, em 72, hoje brasileiro, onde o ABC foi o nosso primeiro representante, indicado por ter sido campeão do Estado. Tivemos aqui grandes equipes do futebol brasileiro, como Flamengo, Corinthians, Vasco da Gama, São Paulo, Atlético/MG, Palmeiras, Fluminense e Internacional/RS entre outros, quando na oportunidade a média de público deu um saldo gigantesco, da época do JL que era 2.500 pessoas para 28.000 pessoas no Castelão, tendo inclusive a participação de grandes jogadores nas nossas equipes.
2. Como já falamos no item anterior o salto de público foi grande haja vista que mesmo nos jogos como chamado pequeno, o público era considerado bom, cerca de 5.000 de média, essa média de público foi caindo no início da década de 80.
3. Além da falta de profissionalismo, faltou também incentivos da iniciativa privada, principalmente dos empresários locais, como também a participação dos órgãos públicos. E uma ênfase maior desses órgãos nos próprios jogadores dos clubes locais em vez ficarem torcendo para clubes do eixo Rio São Paulo.
4. Depois do apogeu da década de 70, o início da década de 80, foi marcado por um declínio das nossas equipes, falta de grandes jogadores e um, maior investimento, isso foi uns dos fatores que influenciaram a diminuição do público nos estádios em relação a década anterior. Outros fatores a ser considerados são; o preço dos ingressos, a queda do poder aquisitivo do povo, principalmente o de baixa renda que é o público que mais vai aos estádios prestigiar o seu clube. A saída de vários dirigentes abnegados que colocavam dinheiro nos clubes, também prejudicou, além da televisão que começou a passar jogos ao vivo.

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
ENTREVISTA COM DANILO MENEZES (07/08/02)**

QUESTIONÁRIO

1. Danilo, como era entrar em campo para jogar no início da década de 70?
2. Como era presença do público, no Castelão, na época em que você começou a jogar no futebol do Rio Grande do Norte, em comparação aos dias de hoje?
3. Qual o nível salarial dos jogadores da sua época?
4. Qual a situação financeira das equipes, pagava em dia ou atrasado?
5. Para você o que proporcionou a decadência financeira dos grandes clubes?
6. Qual a qualidade técnica dos jogadores de sua época comparado com a década posterior?

RESPOSTAS

1. Era emocionante, porque o estádio era totalmente lotado e havia uma equiparação nas equipes fazendo os jogos ser bastante disputados.
2. Na época, a média de público era de 30 mil pessoas por jogo isso por si só era um espetáculo a parte, motivando os próprios jogadores, disputando sadiamente o jogo, sem briga, ou violência.
3. A diferença corresponde no fato de que não havia o patrocínio de empresas só os clubes pagavam os salários dos jogadores, isso portanto era grande diferença com relação aos dias de hoje. Para a época os salários eram bons, pois se vivia bem com esses salários, em relação aos dias de hoje, pois a economia permitia a sobrevivência com esses salários. Nos dias de hoje estamos vivendo uma época de sonho, com jogadores ganhando 300 mil, 150 mil, atletas dos principais clubes, convencendo assim, uma inflação no futebol.
4. Pagavam em dia, com as rendas dos jogos, pois os clubes principais tinham no mínimo dois grandes craques fazendo o público ir ao estádio, havendo retorno aos clubes. A medida do tempo foram cometendo erros inflacionando o futebol e hoje não temos dinheiro para pagar grandes craques, aliado a outras coisas, exemplo contratar jogadores em saber se o jogador se adapta aos salários, ao clima e as condições do clube, contratando jogadores ou empresário sem gabarito para tal, ou empresários que não tem dinheiro para bancar jogadores sem clube e vende ou empresta jogadores sem o clube saber se jogam ou não um bom futebol.
5. Falta de profissionalismo, falta de craques e uma sequência erros cometidos pelos dirigentes. O ABC por exemplo é hoje um clube com grande torcida, mais sem dinheiro, tendo que fazer um time caseiro para disputar competições. Hoje, o ABC está fazendo uma série de coisas da qual pode prejudicar no futuro jogadores, queimando antes do tempo os mesmos.
6. A qualidade com relação os dias de hoje é que os clubes quase todos tinham dois craques. Hoje há apenas um em alguns clubes, fazendo com que caia a qualidade dos espetáculo, havia na época jogadores em diversos times como: Sport, Ceará, o próprio Alecrim, ABC, América, Potiguar e Baraúnas. Hoje se conta nos dedos os jogadores e quando desponta um grande craque vai logo do país. No caso do ABC e América, isso

não é diferente, Souza não jogou nem se quer uma temporada, foi logo negociado. Outro caso recente foi Rivaldo que jogou no ABC e foi parar no Sorocaba, jogadores prematuros que não consegue ficar nos clubes locais são logo negociados, em função da condição financeira dos clubes pois as rendas não acontecem, os estádios lota mais não aparecem as rendas.

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
ENTREVISTA COM JOSÉ CÍCERO (06/08/02)**

QUESTIONÁRIO

1. Quanto tempo você trabalha ao redor do Machadão, antigo Castelão vendendo churrasco e bebidas?
2. Como era as vendas dos anos 70?
3. Havia muitas pessoas vendendo, ou seja concorrendo com você?
4. Na sua opinião por você não vende tanto quanto nos anos 70?
5. Como era nos dias de jogos a movimentação de torcedores?
6. Em 70, era mais fácil, ou difícil comprar os produtos que você vende? Era mais caros, ou mais baratos em comparação atualmente?

RESPOSTAS

1. Trabalho há 28 anos.
2. Era bom de vender, ia muita gente aos jogos, principalmente envolvendo ABC e América no campeonato nacional. O povo tinha mais dinheiro que hoje, como também o lazer era mais difícil, para ir a praia de Ponta Negra, por exemplo era complicado em função do transporte, além disso não haviam shoppings nem festas diárias que concorresse com o futebol.
3. Não. Em comparação aos dias de hoje eram poucas pessoas que vendiam. Eram contadas as pessoas que vendiam como: eu, Danião e mais umas três pessoas atualmente são mais de 25 pessoas só no portão do América, portão 5.
4. Dois fatores 1º o público que hoje é menor do que naquele tempo e o outro é a falta de dinheiro das pessoas.
5. A movimentação era intensa havia torcedores de todos os lugares viam do interior principalmente da grande Natal: Natal, Macaíba, Parnamirim, Extremoz, São Gonçalo do Amarante, e de outros municípios, como Tangará, Eloi de Souza, os clubes principais das cidades tinham bons jogadores chamavam atenção dos torcedores. Natal era uma cidade provinciana, com jeito de cidade do interior. Foi em 78 em diante que Natal começou apresentar sinais de crescimento.
6. Era mais fácil comprar os produtos daquela época. As coisas atualmente são mais caras que naquela época.